

MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURA VISUAL

Mar de Sophia – “Metade da minha alma é feita de maresia”: Construção de um roteiro literário

Vanessa Azevedo Reis

M

2019



Vanessa Azevedo Reis

**Mar de Sophia – “Metade da minha alma é feita de maresia”:
Construção de um roteiro literário**

Projeto realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual,
orientado pela Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas
e coorientado pela Professora Doutora Maria Manuela Gomes de Azevedo Pinto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2019

Mar de Sophia – “Metade da minha alma é feita de maresia”: Construção de um roteiro literário

Vanessa Azevedo Reis

Projeto realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual,
orientado pela Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas
e coorientado pela Professora Doutora Maria Manuela Gomes Azevedo Pinto

Membros do Júri

Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Leonor César Machado de Sousa Botelho
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

Sumário

Declaração de honra.....	7
Agradecimentos.....	8
Resumo.....	9
Abstract	10
Índice de ilustrações.....	11
Índice de tabelas	12
Lista de siglas e abreviaturas.....	13
Introdução	14
Parte A – Conceptualização do Roteiro	17
1. Metodologia	17
1.1. O Mar como fio condutor.....	22
1.2. Construção da Narrativa.....	25
2. Objetivos	28
Parte B – Construção do Roteiro.....	31
1. Ideia, especificação e funcionalidades	31
1.1. Estrutura da aplicação	31
1.2. Narrativa e estrutura dos conteúdos	32
1.3. Síntese de campos	34
2. Produção dos conteúdos	35
2.1. Critérios de seleção dos textos de Sophia	36
2.2. Produção dos textos para os POI.....	45
2.3. Produção dos textos para os Eventos	46
2.4. Produção dos textos para os Objetos.....	46
2.5. Imagens utilizadas no roteiro	49
Parte C – Resultados do projeto	52
Considerações finais.....	54
a) Outras explorações em volta de Sophia	54
b) Um modelo para a produção de roteiros culturais	56
c) Constrangimentos.....	57
d) Objetivos alcançados	59
Referências bibliográficas	60
Anexos.....	67
Anexo 1 - Mindmap	67

Anexo 2 – Estrutura do roteiro	68
Anexo 3 – Email de Pedro Gil Monteiro dando autorização para a utilização da curta – Sophia de Mello Breyner Andresen	94

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório de Projeto é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 19 de setembro de 2019

Vanessa Azevedo Reis

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao New Media for Heritage (eHeritageLab) por me ter acolhido na sua instituição permitindo-me, assim, realizar este projeto. Ao Museu Digital da Universidade do Porto que, através da aplicação – Museu Digital da Universidade do Porto – desenvolvida com o apoio tecnológico da empresa Weblevel, proporcionou as condições necessárias para pôr a minha ideia em prática.

À minha orientadora Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas agradeço ter aceitado orientar este projeto e sempre ter demonstrado confiança no meu trabalho. Sem o seu conhecimento, apoio e motivação este projeto não teria sido possível. À minha coorientadora Professora Doutora Manuela Pinto por ter proporcionado a parceria com o Museu Digital da Universidade, e sempre ter demonstrado disponibilidade para ajudar e aconselhar ao longo do projeto.

Quero ainda demonstrar o meu agradecimento para com Pedro Gil Monteiro por me ter dado autorização para utilizar o filme do seu pai, João César Monteiro, no roteiro e se ter demonstrado tão disponível.

À equipa da empresa Weblevel agradeço ter procurado atender aos pedidos e necessidades no momento da construção do roteiro.

Por fim, quero ainda agradecer a todos os que me ouviram e aconselharam, em particular à Professora Doutora Maria Leonor César Machado de Sousa Botelho e ao Professor Doutor Hugo Daniel Silva Barreira.

Resumo

Através deste projeto foram produzidos conteúdos para um roteiro literário sobre Sophia de Mello Breyner, integrado na aplicação *mobile* Museu Digital da Universidade do Porto. Partindo da obra da autora foi desenvolvido um roteiro que tem o Mar como fio condutor da narrativa. A partir dos textos da poetisa o utilizador é orientado através de um conjunto de pontos georreferenciados que, mais do que lhe mostrarem a importância do Mar na vida de Sophia, procuram dar a conhecer o Mar de Sophia enquanto algo abstrato, entendido como horizonte metafísico e emocional. Desta forma pretende mostrar a relação que a autora desenvolveu com os espaços a partir dos seus textos. Estes dão a conhecer uma imagem que resulta da fusão entre a observação do espaço real e das crenças da poeta. Assim, de uma forma informal e baseada nas novas tecnologias, pretende-se promover a divulgação da obra de Sophia, estabelecendo uma relação entre a percepção sensorial desta com o espaço e com a realidade observada pelo utilizador.

Procurando apresentar uma alternativa aos roteiros literários tradicionais, que habitualmente dão maior destaque à vida do autor do que à sua obra, é apresentada uma ideia de protótipo cultural que estabelece uma relação entre um tema, um espaço e um artista.

Palavras-chave: Roteiro literário, Sophia de Mello Breyner Andresen, Mar, Produto cultural; Património

Abstract

This project produced contents for a literary tour about Sophia de Mello Breyner, as part of the mobile application *Museu Digital da Universidade do Porto*. Based on the author's work, the tour was developed with the Sea as a narrative thread. The use is guided through a set of georeferenced points, with the basis being the poet's own words. More than showing the importance of the Sea in Sophia's life, it aims at showing *Mar de Sophia* ("Sophia's Sea") as something abstract, a metaphysical horizon. It intends to demonstrate the relationship between the text and the physical space, given that the poet's work is a blend of the observation and the author's preconceived beliefs. Using new media technologies and an informal style, this work intends to promote Sophia de Mello Breyner's works in an uncommon way, contrasting her sensorial perception with the user's own viewpoint.

Besides that, it is also intended that this literary tour gives an alternative to more traditional ways of promoting literary figures as cultural and touristic products. Its focus on the text allows for a more space and theme-based experience rather than a biographical one.

Keywords: Literary Tour; Sophia de Mello Breyner Andresen; Sea; Cultural Product; Heritage.

Índice de ilustrações

Figura 1 -Página de apresentação do site do Museu Digital da UP.....	32
Figura 2 - Capa do roteiro na aplicação.	52
Figura 3 - Menu onde o utilizador tem acesso aos lugares georreferenciados.	52
Figura 4 - POI da Praia da Ingrina.	53
Figura 5 - Objeto do POI da Travessa das Mónicas.	53
Figura 6 - Aspeto do roteiro quando consultado no site do Museu Digital.....	53
Figura 7 - Mindmap	67
Figura 8 - Sophia pela lente de João Cutileiro.	68
Figura 9 - Vista aérea da Ilha de Fohr.....	69
Figura 10 - Túmulo do bisavô no cemitério de Agramonte.	70
Figura 11 - Entrada da Quinta do Campo Alegre.....	71
Figura 12 - Fotografia de Sophia em bebé.	72
Figura 13 - Jardim Botânico da UP.	73
Figura 14 - Estufas do Jardim Botânico da UP.	73
Figura 15 - Casa Salabert.	73
Figura 16 - Arboreto do Jardim Botânico da UP.....	73
Figura 17 - Praia da Granja.	74
Figura 18 - Serigrafia de M ^a Helena Vieira da Siva.....	75
Figura 19 - Capa do livro Méditerranée.	76
Figura 20 - Fotografia da Ponto de Sagres, Algarve.	76
Figura 21 - Praça Infante Dom Henrique, Lagos.	78
Figura 22 - Praia Don'Ana.....	79
Figura 23 - Gruta nas imediações da Praia Dona Ana.	80
Figura 24 - Pormenor de uma gruta, Praia Dona Ana.	80
Figura 25 - Sophia na Praia Don'Ana.....	80
Figura 26 - Ermida da Nossa Senhora da Rocha.....	81
Figura 27 - Praia da Ingrina.....	82
Figura 28 - Sophia na Grécia com Agustina Bessa-Luís.....	83
Figura 29 - Sophia com as filhas Maria e Sofia na Grécia.	85
Figura 30 - Sophia com Graça Morais na Grécia.	85
Figura 31 - Página do Diário de Viagem de Sophia.....	85
Figura 32 - Ruínas Templo de Delfos.	86
Figura 33 - Baía de Vai, Creta.....	87
Figura 34 - Sophia pela lente de Fernando Lemos.	91
Figura 35 - Sophia e Francisco no Tejo.	91
Figura 36 - Fotografia de Sophia nos anos 90.....	91
Figura 37 - Quadro de Nikias Skapinakis, Vista de Lisboa, 1981.	92
Figura 38 - Email de Pedro Gil Monteiro dando autorização para a utilização da curta – Sophia de Mello Breyner Andresen.	94

Índice de tabelas

Tabela 1 - Cronologia Biografia de Sophia de Mello Breyner.....	18
Tabela 2 – Estrutura do roteiro.....	68

Lista de siglas e abreviaturas

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

POI – *Point of interest* (Ponto de interesse)

UP – Universidade do Porto

Introdução

a) Porquê um roteiro literário sobre Sophia?

O projeto aqui apresentado surge da minha vontade em desenvolver um roteiro literário que se distinguísse do que habitualmente encontramos. Constatei que, nos roteiros literários há uma tendência para se debruçarem sobre os autores mais divulgados da literatura de um determinado país, na sua maioria circunscritos entre o século XIX e a primeira metade do século XX. Estes autores são escolhidos por serem do conhecimento geral, mesmo que o público não tenha tido contacto direto com a sua obra. Este enfoque surge porque os percursos desejados evidenciam o aspeto biográfico das figuras escolhidas. Na sua generalidade, guiam o utilizador pelos locais emblemáticos da vida do escritor, tornando-se roteiros mais biográficos do que literários. Exemplo disto são os roteiros promovidos pela *Jane Austen Society of North America*¹ ou as atividades promovidas pela *Culture Trip*² em Lisboa.

Considero que um roteiro literário deve estabelecer uma relação direta com a obra do autor. Tem de ser um veículo de aproximação do utilizador à literatura. Tendo consciência da diferença entre um roteiro e a leitura convencional da obra, o que se procura não é uma substituição ou simplificação da leitura, mas sim um percurso orientado pela obra. Ao mesmo tempo, uma vez que os roteiros habitualmente são construídos sobre pontos físicos (por exemplo a casa onde viveu o escritor), acredito ser importante estabelecer uma relação entre os locais escolhidos e a obra do autor, com o objetivo de conduzir a perceção do utilizador.

“Eu não acredito na biografia, que é uma vida contada pelos outros. No fundo, a única biografia que eu tenho é que está na minha poesia”³

Tendo isto em consideração, parti para a minha ideia original: desenvolver um roteiro que articulasse textos de diferentes autores contemporâneos (segunda metade do século XX) com espaços públicos da cidade do Porto. Deste modo, desenvolveria uma

¹ Tours of England. Nova Iorque: Jane Austen Society of North America (Disponível em: <http://www.jasna.org/conferences-events/tour/>) [consultado 04/09/2019].

² A literary tour of Lisbon. Lisboa: Culture Trip (Disponível em: <https://theculturetrip.com/europe/portugal/articles/a-literary-tour-of-lisbon/>) [consultado a 04/09/2019].

³ MONTEIRO, João César - *Sophia de Mello Breyner Andresen*. 1969. 8:01-8:10min. (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VDi1av1fgzo>) [consultado 04/09/2019].

ferramenta alternativa que permitiria ao utilizador tomar contacto com a obra desses autores e, em paralelo, promover uma leitura diferente do espaço numa cidade turística como o Porto. Este roteiro materializar-se-ia numa aplicação *mobile*, de forma a ser mais facilmente acessível e atrativo para o público. No entanto, não conseguiria desenvolver autonomamente tal aplicação, por falta de ferramentas e de conhecimentos técnicos. Procurei, então, uma parceria que me permitisse suprimir essa lacuna, de acordo com o protocolo de um projeto de mestrado.

O Museu Digital da Universidade do Porto, tem vindo a desenvolver uma aplicação *mobile*, em parceria com a empresa *Weblevel*, que procura divulgar e preservar o património material e imaterial da Universidade enquanto instituição, que tem vindo a crescer na cidade e com a cidade do Porto. Partindo do desenvolvimento de um *locus* digital sem barreiras onde as histórias dos artefactos, das pessoas e da construção da ciência são, (co)criadas, (re)usadas e enriquecidas através de um trabalho contínuo e multidisciplinar⁴. Após um primeiro contacto informal com a Prof^a Doutora Manuela Pinto, foi-me proposto o desafio de focar a minha ideia original na figura de Sophia de Mello Breyner Andresen. Uma vez que a Universidade do Porto é a atual proprietária da Quinta do Campo Alegre, onde Sophia cresceu, o Museu Digital deseja associar-se às comemorações do centenário do seu nascimento. Aceitei o desafio proposto, pois pareceu-me ser um equilíbrio entre a minha ideia original e os interesses da instituição que me acolheu, permitindo-me trabalhar sobre uma escritora essencial da literatura portuguesa.

b) Estrutura do trabalho

O relatório encontra-se dividido em três partes que refletem as diferentes fases do projeto na diacronia.

A primeira intitula-se - *Conceptualização do Roteiro* - e procura descrever o processo de criação da narrativa e os seus objetivos. Para isso, começo por apresentar o caminho percorrido até chegar à ideia do Mar como fio condutor. Posteriormente, explico a sua

⁴ Museu Digital da Universidade do Porto. Porto: Vice-Reitoria para a Cultura/Weblevel (Disponível em: <https://museudigital.pt/>) [consultado a 04/09/2019].

implementação na conceptualização da narrativa apoiada no eixo Praia da Granja, Algarve e Grécia.

Depois de ter idealizado o roteiro foi a altura de o materializar, o que nos remete para a segunda parte do trabalho: Construção do roteiro. Neste capítulo começo por descrever os aspetos que tiveram de ser adaptados para que a minha ideia original fosse compatível com a aplicação pré-existente da Weblevel. Esclarecidas essas particularidades, passo para a descrição da criação de todos os elementos que constituem o roteiro, procurando esclarecer quais os critérios aplicados tanto ao nível dos textos escolhidos como no que diz respeito aos conteúdos criados por mim.

No terceiro capítulo quis dar a conhecer os resultados obtidos depois deste processo, a partir da disponibilização de imagens do roteiro já implementado na aplicação.

Por fim, apresento outras perspetivas possíveis à obra de Sophia, e forneço alguns contributos para a criação de um protótipo cultural baseado no que desenvolvi ao longo deste projeto.

Ao longo do trabalho irei-me referir à Sophia como poeta e não como poetisa respeitando assim a sua vontade, uma vez que esta não acreditava no feminino da palavra⁵.

⁵ NERY, Isabel – *Sophia de Mello Breyner Andresen*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2019 p. 15.

Parte A – Conceptualização do Roteiro

1. Metodologia

Partindo da premissa anterior de não querer um roteiro biográfico, foquei-me na obra de Sophia. No entanto, uma vez que se tornaria excessivamente longo ou complexo, dado a dimensão da obra da poeta, decidi focar-me num aspeto, e a partir dele criar uma narrativa. Entendo narrativa como sendo uma história que permite estabelecer uma relação entre os excertos e os espaços selecionados, tendo como objetivo proporcionar experiências emotivas, sensoriais ou intelectuais. E desta forma promover um maior conhecimento da obra. Para a sua construção foi necessário cruzar vários elementos entre os quais aspetos biográficos e bibliográficos. Com isto, os aspetos biográficos estão presentes, mas não se sobrepõem à obra. Ou seja, a biografia está ao serviço da narrativa e não a narrativa ao serviço da biografia.

Para escolher esse tema, comecei por construir um mapa mental, partindo do meu conhecimento *à priori* acerca de Sophia⁶. No decorrer desse exercício acabei por dar ênfase à temática do Mar, da Natureza, da Espiritualidade enquanto temas que me tinham marcado através dos contos revelados em sala de aula nos diferentes anos do meu percurso escolar. Este exercício inicial foi importante, pois, ao partir apenas do meu contacto prévio com a obra de Sophia, pude colocar-me no lugar de um hipotético utilizador, cujo nível de interação com a escritora será semelhante.

Depois complementei este primeiro exercício com uma pesquisa mais aprofundada na bibliografia existente. Uma vez que quando iniciei o projeto não havia qualquer biografia da escritora⁷, a pesquisa inicial foi mais complexa. Comecei tendo por base dois elementos distintos, mas fundamentais: o documentário intitulado *O nome das coisas – Sophia de Mello Breyner Andresen*⁸ produzido pela Panavídeo para a RPT2,

⁶ Consultar Anexo número 1.

⁷ A biografia escrita pela jornalista Isabel Nery e editada pela Esfera dos livros só chegou às livrarias em junho de 2019 e, por isso, foi consultada num momento bastante avançado do trabalho.

⁸ *O nome das coisas – Sophia de Mello Breyner Andresen*. (Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-nome-das-coisas-sophia-de-mello-breyner-andresen/>) [consultado a 04/09/2019].

emitido em 2007; e o *site*⁹ desenvolvido por Maria Andresen aquando da doação do espólio de Sophia à Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) em 2011.

O primeiro foi importante porque através dos depoimentos, tanto de familiares como de amigos, consegui delinear uma primeira cronologia.

Tabela 1 - Cronologia Biográfica de Sophia de Mello Breyner

DATA	LOCAL	ACONTECIMENTO
29/01/1826	Dinamarca (Oevenum)	Nascimento de Jan Hinrich Andresen (bisavô de Sophia de Mello Breyner Andresen)
1840	Porto	Jam Hinrich Andresen desembarca no Porto, acabando por aí se estabelecer e fazer fortuna no comércio do vinho do Porto.
1895	Porto	João Henrique Andresen Júnior (avô de Sophia) adquire a Quinta do Campo Alegre.
6/11/1919	Porto	Nascimento de Sophia, na Rua António Cardoso, no Porto.
“No ano em que aprendi a ler” ¹⁰		Durante umas férias nas termas com a mãe, Sophia compra um livro com o título <i>Mitologia Grega</i> , ficando fascinada com as imagens das estátuas porque lhe faziam lembrar o mar.
1931 ¹¹		Primeiro contacto com Homero e o seu poema épico <i>Odisseia</i> , que influenciou fortemente a sua relação com o Mar e, consequentemente, com a Grécia.
1937/1938	Lisboa	Sophia frequenta o curso de Filologia Clássica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o que a leva a mudar-se para a cidade. Não chega a terminar o curso.
1940		Pública alguns poemas nos <i>Cadernos de Poesia</i> , revista de poesia que procurava divulgar a poesia tendo como um dos principais impulsionadores Ruy Cinatti.
1944		Pública o primeiro livro, intitulado <i>Poesias</i> , na editora Ática. A edição é financiada pelo pai da poeta.
27/11/1947	Porto	Casamento de Sophia de Mello Breyner Andresen com o advogado Francisco Sousa Tavares.
1950		Publicação de <i>Coral</i>
1951	Lisboa, Travessa das Mónicas (Freguesia da Graça)	Muda-se com a família para a casa onde viverá até morrer na Travessa das Mónicas. Lugar emblemático por ser um ponto de encontro de vários intelectuais ligados à oposição do regime do Estado Novo. Possuía um jardim com vista para o Tejo, sendo o lugar mais apreciado pela autora. Atualmente a casa já não pertence

⁹ Sophia de Mello Breyner Andresen no seu tempo. Momentos e Documentos [em linha] Lisboa: Biblioteca Nacional (Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/index.html>) [consultado a: 04/09/2019].

¹⁰ GUERREIRO, António – Os Poemas de Sophia. **Jornal Expresso** (15/07/1989). pp. 54 – 57.

¹¹ Durante a entrevista dada a Maria Armada Passos, Sophia diz ter lido Homero pela primeira vez aos doze anos. Mais tarde, numa entrevista dada ao Expresso, volta a referir os doze anos como momento da descoberta do poeta Grego: “Mais tarde quando tinha doze anos encontrei um tradução da *Odisseia* do Leconte de Lisle e lembro-me que esse livro tornou-me presente o verão, o mar, a relação com o mundo que eu queria.”. PASSOS, Maria Armada – Sophia de Mello Breyner Andresen “Escrevemos Poesia para não nos afogarmos no cais”. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**. nº 26 (1982) pp. 2-5. *Os Poemas de Sophia...* pp. 54 – 57.

DATA	LOCAL	ACONTECIMENTO
		à família. Contudo, ainda podemos ver um azulejo na fachada com um dos poemas de Sophia.
1954		Publicação de <i>No Tempo Dividido</i>
1958		Publicação de <i>Mar Novo</i>
1961		Publicação de <i>O Cristo Cigano</i>
31/07/1961	Algarve	Primeira viagem ao Algarve
1962		Publicação de <i>Contos Exemplares</i> e <i>Livro Sexto</i> .
1963	Praia da Granja; Itália; Grécia	Primeira viagem à Grécia. Parte da Praia da Granja com a escritora Agustina Bessa-Luís e o marido Luís Alberto. Percorrem Itália de carro (Turim, Milão, Veneza, Pádua, Verona, Ravena, Rimini, Termoli, Pompeia, Nápoles, Roma e Florença). Em Brindisi, apanham um barco para a Grécia (Atenas, Cabo Sunion, Delfos, Patras, Nauplio, Corinto)
1967		Publicação de <i>Geografia</i>
1968		Publicação de <i>A Floresta</i>
1969	Algarve (Lagos)	João César Monteiro filma Sophia durante as suas férias com a família em Lagos.
1972		Publicação de <i>Dual</i>
1972	Grécia	Volta à Grécia, desta vez acompanhada pelas filhas Maria e Sofia e pelo marido Francisco.
1977		Publicação de <i>O Nome das Coisas</i>
1984		Publicação de <i>Histórias da Terra e do Mar</i>
1988	Grécia	A convite do então Presidente da República Mário Soares, Sophia volta à Grécia acompanhando-o na visita oficial, juntamente com a artista Graça Morais
1989		Publicação de <i>Ilhas</i>
1997		Publicação de <i>O Búzio de Cós</i>
1999		Primeira mulher a receber o Prémio Camões.
2/07/2004	Lisboa	Falecimento de Sophia de Mello Breyner no Hospital da Cruz Vermelha
2/07/2014	Lisboa (Panteão Nacional)	Transladação dos restos mortais da poeta para o Panteão Nacional

Esta tabela foi sendo enriquecida com as informações suplementares que fui encontrando noutros documentos ao longo da investigação. Procurei que este registo obedecesse a uma lógica cronológica embora não tivesse de ter as datas específicas em que dado acontecimento ocorreu. O importante neste exercício foi ir organizando uma linha diacrónica que me permitisse ter a perceção da vida de Sophia. Visão importante para a construção da narrativa. O que aqui apresento acabou por ser depurado e direcionado para a temática Mar.

O site da BNP encontra-se organizado por décadas entre 1920 e 2000. Dentro de cada uma são mencionados aspetos relevantes que aconteceram durante esse período, articulando vida pessoal e pública de Sophia com as temáticas da sua obra. Esta apresentação é acompanhada pela citação de vários depoimentos dados pela poeta em

diferentes entrevistas e excertos da sua obra. Paralelamente a essa linha biográfica, são disponibilizados vários materiais, dos quais destaco as fotografias, a reprodução de manuscritos e entrevistas, por terem sido as mais pertinentes para o meu projeto. A importância foi reforçada quando o meu pedido para consultar o arquivo de Sophia na BNP foi declinado, tornando-se o site a única forma de acesso ao material conservado nesse acervo.

A par desta pesquisa focada no aspeto biográfico, fiz também algumas leituras de índole académica, valorizando os trabalhos que relacionassem a obra de Sophia com o espaço¹². Tendo em consideração que estava a trabalhar para um projeto que exigia a utilização de georreferenciação, considerei importante perceber que tipo de relações podia estabelecer, indo além dos espaços que marcaram a sua vida enquanto indivíduo.

Neste processo tornou-se evidente a importância dos espaços exteriores para Sophia, explanada nas referências aos elementos da natureza e na sua harmonia, nomeadamente em relação ao Mar.

“Essa identificação com o espaço aberto em Sophia deve-se à relação de topofilia que seu eu-poético possui com o mar – seu motivo preferido ao longo de toda a sua obra. Poderíamos dizer, inclusive, que o mar é uma espécie de casa onírica para Sophia, posto que alia sempre a sua alma (memória, identidade) à imagem do mar, como escreve em *Inscrição* e em *Atlântico*.”¹³

Por outro lado, Inês Alvim Rangel parte para a sua tese com uma ideia interessante que foi ao encontro da minha vontade inicial:

“Podemos, assim, falar de um mundo visual produzido pelas palavras de Sophia, capaz de nos fornecer igualmente a força que existe nas imagens. Segundo afirmava Roland Barthes, *Debaixo de uma imagem existe sempre um texto*.”¹⁴

A autora procura estabelecer uma relação entre a fotografia e a poesia de Sophia. No seu entender, apoiando-se em Roland Barthes, tal como na fotografia, os textos da autora preservam reminiscências de um mundo que já não pode ser visto atualmente. Identifiquei-me com esta ideia porque, desde início que procurava conseguir fornecer ao

¹² LIMA, Renata Ribeiro; FEITOSA, Márcia Menir Miguel - *Os lugares de Sophia de Mello Breyner Andresen*. **Cadernos de Pesquisa**. v. 17: nº 1 jan./abr (2010) pp. 1-7.

RANGEL, Inês Alvim – *A Geografia Visual de Sophia. Análise interpretativa da carga imagética e da visualidade presente na obra e na vida de Sophia de Mello Breyner*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. Dissertação de Mestrado.

¹³ *Os lugares de Sophia*...p. 5.

¹⁴ *A Geografia Visual de Sophia*...p. 19.

utilizador uma experiência que passasse pela percepção do espaço a partir da leitura feita pelo autor.

Posto isto, pareceu-me interessante partir para este exercício tendo como mote o Mar e a leitura que Sophia fazia desse elemento da paisagem, tendo em especial consideração o impacto deste na sua vida. Apesar de ter compreendido a importância do Mar na obra de Sophia nos primeiros momentos deste projeto, à medida que fui avançando não só percebi que a ideia tinha pertinência, como já fora reconhecida por outros. Esta tomada de consciência foi importante não só para a minha própria sustentação como para o desenvolvimento dos conteúdos da aplicação. Esta apoiou-se em três elementos distintos que acabaram por funcionar de forma complementar: a leitura integral da obra de Sophia de Mello Breyner; a pesquisa de estudos que se debruçassem sobre a análise do Mar enquanto temática; e a leitura das entrevistas que a autora foi dando ao longo dos anos.

A leitura da obra foi iniciada pela poesia e respeitando a ordem de edição¹⁵. Cataloguei a obra poética e a prosa que fizesse referência ao Mar ou a lugares relacionados com o mesmo. Dessa leitura, selecionei um conjunto de sete contos¹⁶ e 91 poemas com potencial interesse para o projeto dada a sua temática. Este material foi alvo de uma triagem mais sistemática e pormenorizada à medida que o projeto foi avançando¹⁷.

Em paralelo, a consulta de vários trabalhos académicos foi importante porque me permitiu corroborar e cimentar o que fui percebendo através da leitura da obra.

Por último, passei à leitura das várias entrevistas dadas pela autora. No total foram consultadas 18 entrevistas, realizadas entre 1963 e 2001. Apesar do recorte temporal ser considerável (cerca de 40 anos) e das entrevistas não terem sido dadas de forma

¹⁵ ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - *Obra Poética*. Porto: Assírio e Alvim, 2015.

¹⁶ ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – A Casa do Mar in *Histórias da Terra e do Mar*. Porto: Figueirinhas, 2006, pp. 65-82.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – A Saga in *Histórias da Terra e do Mar*. Porto: Figueirinhas, 2006, pp. 83-126.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – Praia in *Contos Exemplares*. 4ª ed. Lisboa: Portugália Editora, 1971, pp. 121-138.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – Homero in *Contos Exemplares*. 4ª ed. Lisboa: Portugália Editora, 1971, pp. 139-150.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *A Menina do Mar*. 44ª ed. Porto: Porto Editora, 2015.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *A Floresta*. 15ª ed. Porto: Figueirinhas, 1987.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *Era uma vez uma praia Atlântica*. Lisboa: Expo '98, 1997.

¹⁷ Veja-se o capítulo *Critérios de Seleção dos excertos*.

sistemática, é interessante perceber que a temática do Mar é muitas vezes mencionada pelo entrevistador existindo coerência e até repetição nas respostas dadas por Sophia.

Esta leitura foi fundamental para a construção do projeto por várias razões: primeiro, porque, ao contrário dos trabalhos acadêmicos, não se debruçam sobre hermenêutica; segundo, porque, como já mencionei, na ausência de uma biografia da poeta, os seus depoimentos foram fundamentais para perceber qual a sua relação com o Mar e a importância dele, para lá da percepção baseada apenas na leitura da sua obra; e, por último, a descrição de muitos desses lugares nas entrevistas foi importante para a criação dos conteúdos, uma vez que procurei contrapor descrições da poeta, literárias ou não, com a atualidade visível de modo a criar analepses mentais ao utilizador acerca do espaço.

Com base nos materiais compulsados e no seu tratamento comecei a construir uma análise do Mar na vida e obra de Sophia, algo crucial tendo em vista a sua utilização como espinha dorsal do roteiro.

1.1. O Mar como fio condutor

O Mar, enquanto temática, está presente em toda a obra de Sophia. Começa por refletir as vivências da poeta no norte de Portugal, em particular na Praia da Granja e, depois do *Livro Sexto* (1962), passa a sofrer influência do Algarve e do Mediterrâneo¹⁸. Ainda assim, muitas vezes surge sem que esteja associado a um lugar geográfico, uma vez que é tido como um elemento de renovação e aproximação ao real¹⁹, sinónimo de felicidade, liberdade²⁰, pureza e verdade²¹.

A procura pela verdade das coisas e a religação do Homem com o Real é fundamental na obra de Sophia de Mello Breyner, sendo o Mar um dos elementos preponderantes para alcançar tais objetivos. Pois, como a poeta explica, existem três níveis que devemos ter

¹⁸ CEIA, Carlos – O desafio do Mar in *Iniciação aos mistérios da poesia de Sophia de Mello Breyner*. Lisboa: Vega, 1996, p. 61.

¹⁹ BERTOLAZI, Federico - O cântico da longa e vasta praia” eco atlântico em itinerário mediterrâneo in *Atas do Colóquio Internacional Sophia de Mello Breyner Andresen*. Porto: Porto Editora, 2013, p. 120.

²⁰ *O desafio do Mar*... p. 61.

²¹ CERQUEIRA, Gabriella Potti – *Mar de Concreto: Uma leitura da cidade e de sua relação com o mar nos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011. Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa.

em consideração quando procuramos definir poesia: a Poesia, grafada com maiúscula, que se refere à própria existência das coisas, encontrando-se de forma imanente no Mundo; a poesia, escrita com minúsculas, que é a relação pura do Homem com as coisas; e o poema. Para Sophia, o poema é necessário ao poeta, porque funciona como mediador entre a lacuna que existe entre a Realidade (Poesia) e o Homem²².

“Não podendo fundir totalmente a sua vida com a existência das coisas, o poeta cria um objeto em que as coisas lhe aparecem transformadas em existência sua. Não podendo fundir-se com o mar e com o vento, cria um poema onde as palavras são simultaneamente palavras, mar e vento. Não podendo atingir a união absoluta com a Realidade, o poeta faz o poema onde o seu ser e a Realidade estão indissolivelmente unidos. Por isso o poema é o selo da aliança do homem com as coisas.”²³

Paralelamente ao Mar, a Praia surge no mesmo nível de importância porque, como explica Carlos Ceia - “(...) a praia é sempre o começo do mar (...)”²⁴ - e é a partir da praia que a poeta observa e contempla o Mar, não tendo um conhecimento empírico sobre o mesmo²⁵.

Também nos depoimentos de Sophia nas diversas entrevistas, conseguimos identificar a importância na infância e adolescência da praia da Granja, a “descoberta” que foi o Algarve no início dos anos 60 e o maravilhamento que a Grécia sempre lhe suscitou. Mas, paralelamente a estas informações, a poeta menciona vários acontecimentos que justificam o facto do Mar e, em particular o Mar nestes locais, se ter tornado tão especial e fundamental à sua vida e obra.

“O mar foi sempre, na minha vida e desde a primeira infância, uma presença de felicidade. Era na praia que passava férias e uma das imagens que está sempre no fundo da minha memória, é aquele mar coberto de brilhos da infância que se vê com enorme deslumbramento. O prazer extraordinário dos banhos, o aprender a nadar. Eu tinha a sorte de viver num praia que tinha grandes marés cheias e grandes marés vazias, cheias de conchas e de rochas. **Isso fez com o mar fosse sempre para mim de um enorme fascínio**²⁶, onde o quotidiano e o maravilhoso se confundiam porque, não havia nada mais maravilhoso do que aquelas grutas e poças de água, entre os rochedos, cheias anêmonas cor-de-rosa algas de todas as cores e, uma água muito transparente. Esse **espanto perante o mar, que é um espanto perante o mundo**, espanto maravilhoso que eu reconheci nas navegações portuguesas, que foram uma epopeia de espanto.”²⁷

²² ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – Poesia e Realidade. **Colóquio Letras**. nº 8. Abr. (1960) pp 53-54.

²³ *Poesia e Realidade*... p 54.

²⁴ *O desafio do Mar*...p. 64.

²⁵ *O desafio do Mar*...p. 64.

²⁶ Os negritos aqui apresentados e que se irão repetir noutras citações, foram acrescentados por mim, por acreditar que sintetizam as ideias chave que quero transmitir quando os seleccionei.

²⁷ LEMOS, Vergílio – Sophia: “As navegações portuguesas foram uma epopeia de espanto. **Revista Oceanos**. nº 4 (1990) pp. 127 – 130.

Tal como José Carlos Vasconcelos afirma na entrevista que fez a Sophia de Mello Breyner para o *Jornal de Letras Artes e Ideias* em 1991²⁸: “(...) a imagem do jardim foi desaparecendo, enquanto o mar e a praia se mantiveram (...)”. De facto, como me fui apercebendo, o Mar é constante na obra da poeta, acabando por se refletir na sua vida. Contudo, a poesia de Sophia não se limita a descrever o que vê. Como explica Federico Bertolazzi no texto “*O cântico da longa e vasta praia*”: *Eco atlântico em itinerário mediterrâneo*:

“Em geral toda a relação de Sophia com os lugares geográficos passa por uma elaboração de poética: o lugar em si, o espaço físico, é desconstruído e depurado procurando-se nele uma imanência primordial que possa voltar a exprimir a sua primitiva potência.”²⁹

Como fui procurando demonstrar o Mar, antes de mais, revelou-se pertinente devido à sua transversalidade na obra de Sophia de Mello Breyner. Contudo, à medida que fui avançando e cruzando os textos com as declarações de Sophia, compreendi que estamos perante algo mais amplo e complexo. Ao contrário de outras temáticas, o Mar é constante e assume valores simbólicos próprios no trabalho da poeta e, ainda que muitas vezes haja referência a lugares específicos, a conceção do Mar em Sophia extravasa-os amplamente.

Considero que quando Sophia menciona o Mar vai além do substantivo, sintetizando em si a ideia de uma cultura greco-latina muito própria que aglutina em si a conceção do Mar enquanto elemento físico, simbólico e cultural. Razão pela qual me levou a grafar o vocábulo com maiúscula. O Mar que quero mostrar com este roteiro não se cinge aos aspetos tangíveis associados à palavra, mas ao significado que esta assume na conceção da obra de Sophia. Funcionando como um lugar idílico que preservou as características primordiais e, por isso, permite restabelecer o tão desejado elo, outrora perdido, entre o Homem e as coisas.

Posto isto, o Mar assume-se como *alma mater* do roteiro porque, partindo da ideia de que o lugar descrito extravasa o espaço observado, procurei construir uma narrativa que permitisse compreender o Mar enquanto conceção simbólica na obra de Sophia partindo de âncoras físicas.

²⁸ VASCONCELOS, José Carlos de – Sophia: a luz dos versos. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. n.º 468 (1991) pp. 8-13.

²⁹ *O cântico da longa e vasta praia...* p. 120

1.2. Construção da Narrativa

Após a percepção da importância do Mar enquanto temática foi necessário estabelecer uma relação entre este e um conjunto de “âncoras geográficas” de modo a facilitar a criação de conteúdos e de uma narrativa coerente.

Para tal, comecei por mapear todos os lugares mencionados na sua obra que estabelecessem uma relação com o Mar. Foi depois necessário refinar o critério por duas razões fundamentais: primeiro, porque eram demasiados pontos; segundo, porque estavam muito dispersos geograficamente, não me permitindo estabelecer qualquer relação entre si. Assim, comecei a estreitar a seleção tendo presente a necessidade de estabelecer ligações entre os espaços. Como já acima mencionei, naturalmente surge na vida, e consequentemente, na obra de Sophia um eixo entre a Praia da Granja, o Algarve e a Grécia. Já em 1986, esta ideia foi sintetizada nas palavras de Maria de Lourdes Belchior no artigo *Itinerário literário de Sophia*:

“Se esboçássemos uma geografia radicada nos poemas de Sophia dir-se-ia que do fio do mar Atlântico, contemplado na sua infância passou ao Mediterrâneo luminoso e quente e que trocou as brumas do norte pela claridade do sul.”³⁰

Mais recentemente, Bertolazzi exprimiu o mesmo conceito, mas foi mais longe.

“Esse atlântico selvagem, que desde cedo ela reconhece como fonte de linguagem, levá-la-á para uma busca existencial ao longo dos caminhos que levam para o mar interior, o Mediterrâneo, que se apresentará como lugar sagrado à volta de uma terra, a Grécia, onde a sua espiritualidade será completa numa fusão entre vida, poesia, e sentimento do divino.”³¹

Federico Bertolazzi reconhece que o Mar desde sempre funcionou como inspiração para Sophia que se foi aprofundando com a translação do Atlântico para o Mediterrâneo, marcando profundamente a sua poesia e mundividência.

Contudo, aquilo que Sophia procura, descreve e reconhece nestes lugares não é representado de forma exata porque, perante o que observa, acrescenta e retira informação

³⁰ BELCHIOR, Maria de Lourdes – Itinerário literário de Sophia. **Colóquio Letras**. nº 89. jan (1986) pp. 36-42.

³¹ BERTOLAZZI, Federico – *Almadilha. Ensaio sobre Sophia de Mello Breyner Andresen*. Lisboa: Documenta, 2019, p.17.

em função daquilo que conhece e acredita. Hans Belting em *Antropologia da Imagem*³², explica que “O hiato entre imagem e lugar, entre percepção e lembrança é uma das condições de toda experiência genuína dos lugares.”³³. O que é pretendido com este roteiro é essa tal experiência dos locais que depende de um conjunto incalculável de variáveis fazendo com que cada um tenha uma experiência diferente. Pois, ainda que seja apresentado um conjunto fechado de lugares associados a um texto da poeta, o utilizador não terá a mesma experiência que Sophia teve: os lugares sofreram alterações; os aspetos a que o utilizador dará atenção serão diferentes; e a própria interpretação do texto variará de pessoa para pessoa.

Posto isto, parti para a construção da narrativa tendo esses três espaços como linhas orientadoras a par da sua relação umbilical com o Mar. À medida que o utilizador vai percorrendo os espaços acompanha diacronicamente o crescimento de Sophia. Estes funcionam como divisões que marcam momentos importantes na vida e obra de Sophia: a Praia da Granja subentende os primeiros anos da sua vida e adolescência; o Algarve a vida adulta e a passagem do Mar revoltado do norte para o soalheiro sul; A Grécia, mais do que uma idade, representa o encontro com um ideal de beleza que percorre toda a sua poesia desde a infância, porque o gosto pela Grécia parte do seu gosto pelo Mar, o que a aproxima da cultura grega enquanto inspiração, muito antes de conhecer a sua pátria.

“Fomos a uma espécie de tabacaria, que era o único sítio que se vendiam livros e escolhi um que se chamava *mitologia grega* porque me fascinei pelas fotografias de diversas esculturas. **Lembravam-me o mar, qualquer coisa de claridade, da respiração do mar e do ritmo das ondas.**”³⁴

A par destes senti necessidade de acrescentar outros lugares que, por um lado dessem coerência à narrativa do roteiro e, por outro, me permitissem incluir um maior número de textos da autora, conseguindo assim concretizar um dos objetivos fundamentais: dar a conhecer a sua obra.

Assim sendo, o primeiro e último ponto do roteiro são o Oceano Atlântico que desde sempre alimentou o imaginário de Sophia e consequentemente a sua obra, permitindo-me

³² BELTING, Hans – *Antropologia da Imagem*. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.

³³ *Antropologia da Imagem...* p. 86.

³⁴ *Os Poemas de Sophia...* pp. 54 – 57.

encontrar o mote do roteiro. Aliás, o roteiro mais do que querer mostrar a importância do Mar na vida de Sophia procura dar a conhecer o Mar de Sophia enquanto algo abstrato, entendido como horizonte metafísico. Em diversos momentos Sophia de Mello Breyner dá a entender que se via como parte integrante desse espaço, por exemplo no poema *Atlântico*: “Mar, metade da minha alma é feita de maresia”³⁵

Dado o seu aspeto abstrato, estes dois pontos, mais do que locais alcançáveis, procuram cimentar a ideia de que o roteiro não se limita a percorrer as praias e lugares que Sophia frequentou, mas sim a mostrar a relação que a escritora desenvolveu com os espaços a partir dos seus textos. Estes dão a conhecer uma imagem que resulta da fusão entre a observação do espaço real e das crenças da poeta. Uma vez que, a par desta leitura, vamos acompanhando o crescimento de Sophia enquanto ser humano pareceu-me interessante que, o primeiro ponto fosse acompanhado de um vídeo do sol a nascer na praia e que o último tivesse um vídeo do por do sol também na praia. A partir daqui utilizador vai acompanhar o percurso de Sophia que acreditou ser parte integrante do Mar. Entendo-os como sendo o prólogo e epílogo da narrativa que procuro contar através do roteiro.

Ao seleccionar Oevenum como segundo ponto do roteiro, procurei materializar a ideia transmitida por Sophia, de que a sua relação com o Mar vai para além da sua existência. O facto do seu bisavô só ter chegado a Portugal devido à sua ânsia de explorar o Mar, demonstra a inevitabilidade do seu impacto na vida de Sophia. História que ela acaba por imortalizar no conto *A Saga*. Razão pela qual me levou a optar por recuar tanto na sua biografia.

Sendo espaços mais abrangentes, optei por georreferenciar vários espaços dentro do Algarve e da Grécia, tendo como critério de seleção os textos escritos sobre esses locais. Aliás, há uma relação muito estreita entre os textos e os lugares seleccionados, sendo que muitas vezes a inspiração é nítida porque os nomes dos lugares são mencionados nos textos. Para além disso, são muitas as entrevistas em que a escritora reconhece a importância desses lugares para os seus textos. Como é o exemplo da resposta que dá

³⁵*Obra Poética...*p. 64

numa entrevista feita em 1993³⁶ quando lhe perguntam que casa branca é essa que Sophia tantas vezes refere nos seus textos:

“Esta casa é a mesma casa que aparece na *Menina do Mar* e no conto de *Histórias da Terra e do Mar* chamado *Casa Branca* é a mesma que aparece num poema intitulado *Musa* que está no *Livro Sexto*. Ali passei verões e verões da minha infância, da minha adolescência e da minha juventude. Este mar era o pleno Oceano da Praia da Granja”

Para além destes a introdução da Quinta do Campo Alegre e da Casa da Travessa das Mónicas foi importante para a construção da narrativa porque a primeira é a casa de eleição da infância de Sophia, ainda no Norte; e a segunda marca a sua mudança para Lisboa e toda a sua vida adulta, levando-a rumo ao Sul. E ainda que não tenham uma relação direta com o Mar ambos os lugares estavam próximos o suficiente, através dos rios de ambas as cidades que terminam no Mar.

Posto isto, procurei que o utilizador ao percorrer estes espaços, fisicamente ou através da aplicação, pudesse estar em contacto com a obra de Sophia de Mello Breyner e com os lugares que a inspiraram e influenciaram a sua escrita. Contudo, não pretendo condicionar a sua experiência, mas sim dar o mote para uma abordagem que será única de utilizador para utilizador como já procurei explicar e, como afirma Hans Belting:

“Pode até acontecer que num certo local busquemos o lugar que outrora ali estava. O mesmo sítio é contemplado com olhos diferentes por diferentes gerações ou por estrangeiros. Nem sequer é necessária uma alteração física na sua imagem manifesta para nos alterar o lugar, quando o revemos após uma longa ausência. Simplesmente, para nós transformou-se numa imagem, a partir da qual medimos e apreciamos o estado atual.”³⁷

2. Objetivos

Antes de surgir a oportunidade de fazer um roteiro sobre Sophia de Mello Breyner, o meu principal objetivo era repensar o conceito de roteiro literário. Assim sendo, os objetivos deste projeto dividem-se em dois momentos distintos, mas, ainda assim complementares: a ideia de desenvolver um roteiro literário e a sua concretização tendo como tema a obra de Sophia.

³⁶ Sophia e a palavra. **Noesis**. n.º 26 (1993) pp. 50-51.

³⁷ *Antropologia da Imagem...* p. 86.

A vontade de desenvolver uma ideia de roteiro que se destacasse dos tradicionais roteiros literários, tendo como enfoque a obra e não a biografia do autor, era clara. Com isto procuro mostrar novas possibilidades de abordagem sobre algo que ainda é entendido, na minha perspectiva, de forma muito limitada: a literatura. A par das muitas visões catastrofistas sobre o fim do livro e da diminuição drástica do número de leitores, ainda existe uma grande resistência à ideia de retirar a literatura do seu suporte tradicional: o livro.

Nas últimas décadas, têm-se multiplicado as cartas e convenções que procuram promover a reflexão acerca da importância da proteção e divulgação patrimonial, levando ao alargamento do conceito de património. No entanto, quando procurei entender a literatura enquanto património constatei que ainda prevalece uma visão redutora que apenas valoriza o lado material entendido como património bibliográfico. Exemplo disso é a Lei de Base do Património Cultural Português (Lei 107/2001), onde património bibliográfico é definido como sendo:

“a) Os manuscritos notáveis; b) Os impressos raros; c) Os manuscritos autógrafos, bem como todos os documentos que registem as técnicas e os hábitos de trabalho de autores e personalidades notáveis das letras, artes e ciência, seja qual for o nível de acabamento do texto ou textos neles contidos; d) As colecções e espólios de autores e personalidades notáveis das letras, artes e ciência, considerados como universalidades de facto reunidas pelos mesmos ou por terceiros.”³⁸

Pessoalmente, considero que esta visão é limitativa porque, a par do livro enquanto objeto, acho que a literatura pode ser entendida como algo imaterial com valor cultural simbólico. Através de um texto não só é possível ter acesso a marcas linguísticas e culturais, mutáveis e distintas entre gerações e culturas, como também é possível reconhecer diferentes mundividências.

Não creio que o que aqui apresento substitua a leitura da obra na íntegra, considero apenas que é importante tirar a palavra escrita dos seus suportes convencionais mostrando a sua transversalidade. Acho que se deixarmos de olhar para a literatura como algo muito erudito e envolto numa grande sacralidade, conseguimos tirar maior proveito daquilo que o autor tem para nos dizer, e fazer com que chegue a um público mais diversificado. Porque, ainda que a literatura em sentido absoluto não tenha utilidade imediata é, como todas as formas de arte, um refúgio para as felicidades e angústias do ser humano

³⁸ Lei nº 107/2001. D. R. I série – A. nº209 (2001/09/08) pp. 5808-5829.

enquanto ser consciente, servindo como uma forma de criar empatia e compreensão com o outro.

No caso de Sophia a importante dimensão social da sua obra é evidente. Do mesmo modo, as suas descrições são um registo interessante para a compreensão da mutação dos espaços ao longo do tempo. Exemplo disso são as suas críticas à descaracterização estética dos lugares, como o Algarve durante os anos 70. Pretendo que o utilizador confronte o que vê com o que Sophia viu, tendo presente de que ela não se limitava a pintar quadros com palavras, mas sim a captar a sua perceção do espaço, tentando pôr em palavras a experiência do sítio. Ao mesmo tempo que promovo a observação de espaços conhecidos por muitos de nós, tendo como ponto de partida a descrição de uma realidade paralela ao que lá está, procuro incrementar o conhecimento da obra da primeira mulher a ganhar o Prémio Camões através de ferramentas mais atuais e menos óbvias.

Paralelamente, enquanto procuro diversificar a oferta de produtos culturais dentro do conceito de turismo literário, também o faço para os espaços abrangidos pelo roteiro, valorizando-os.

Parte B – Construção do Roteiro

1. Ideia, especificação e funcionalidades

A aplicação desenvolvida inicialmente no contexto do projeto do Museu Digital da Universidade do Porto em parceria com a empresa Weblevel, é um processo em permanente construção, estando dependente das narrativas e conteúdos que vão sendo produzidos em diferentes contextos de ensino-aprendizagem e investigação. A cada novo roteiro surgem desafios que exigem a sua adaptação e melhoramento. Por outro lado, o facto de ser uma produto pré-existente ao meu projeto³⁹, levou-me a adaptar algumas das minhas ideias originais às funcionalidades existentes, deixando, contudo, em aberto especificações para desenvolvimento futuro.

1.1. Estrutura da aplicação

Globalmente, a aplicação estrutura-se em categorias organizadas tematicamente (arquitetura, património, personalidades, serviços, ...) contendo roteiros que possuem como elemento nuclear um POI. POI entende-se como sendo o ponto de interesse georreferenciado; funcionam como blocos de informação centrais aos quais se podem acrescentar elementos visuais. Paralelamente a estes, existem outros três blocos complementares que surgem associados ao primeiro: eventos, objetos e pessoas. Ao contrário dos POI, não são de preenchimento obrigatório, podendo por isso ser ou não incluídos. Através destes elementos interrelacionados é possível construir uma rede entre os vários roteiros, que se desenvolverá ao longo do tempo e que suporta uma estrutura informacional multinível, traço distintivo de um produto que promove e valoriza o conteúdo.

³⁹ VASCONCELOS, Francisca de Brito Ribeiro de – *Universidade do Porto: contributos para um roteiro digital. Estágio curricular no CIC. Digital Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. Dissertação de Mestrado.

GONÇALVES, Vera Lúcia da Silva Braga Penetra - *Imagens e memórias em reconstrução: do Palácio de Cristal Portuense ao Pavilhão Rosa Mota*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018. Dissertação de Mestrado.

Apesar de ter procurado introduzir alguns elementos inovadores, como por exemplo os vídeos ou o *slide show* de imagens, no que diz respeito à apresentação dos conteúdos, tive de me orientar em função destes elementos.



Figura 1 -Página de apresentação do site do Museu Digital da UP.

1.2. Narrativa e estrutura dos conteúdos

Quando parti para este projeto ainda não tinha estabelecido contacto com o projeto Museu Digital da Universidade do Porto, nem tinha conhecimento da aplicação.

No início não tinha pensado em criar uma narrativa linear, baseada apenas num autor, como acabou por acontecer, nem criar um roteiro com um circuito pré-definido. Inspirada pelo projeto *Poetic Places*⁴⁰, pretendia desenvolver algo semelhante para a cidade do Porto onde a narrativa seria criada pelo utilizador à medida que anda.

Depois de ter aceitado o desafio de criar um roteiro sobre Sophia de Mello Breyner, e de ter começado o trabalho de pesquisa, conclui que fazia mais sentido construir uma

⁴⁰ Projeto desenvolvido por Sarah Cole da empresa Time/Image em parceria com a British, que procura levar a cultura até ao quotidiano das pessoas. A aplicação permite que, ao deambular pela cidade de Londres, o utilizador seja avisado quando se encontra num local sobre o qual algum autor escreveu ou pintou, mostrando-lhe as obras. Poetic Places. Londres: British Library-Time/Image (Disponível em <http://www.poeticplaces.uk/>) [consultado a: 12/09/2019].

narrativa linear e temática. Esta orientar-se-ia por uma sucessão de pontos pré-definidos e a sua visualização, tanto podia acontecer através de uma visita virtual, na qual os pontos se sucediam organicamente, como também dava a oportunidade do utilizador visitar os espaços, através da georreferenciação, e confrontar o presente com a leitura de Sophia.

Esta ideia sofreu algumas alterações quando aplicada à aplicação pré-existente. Neste momento, para conseguir avançar entre POI e, conseqüentemente, na narrativa, o utilizador vê-se na necessidade de proceder a vários cliques, acabando por fraturar o percurso e condicionar a ideia da narrativa enquanto algo fluído.

A existência dos campos suplementares levou-me a desenvolver alguma informação adicional de modo a conseguir potenciar as características da aplicação. Ainda assim, cingi-me ao campo dos objetos e dos eventos porque, quando idealizei o roteiro, encarei a figura de Sophia como sendo uma espécie de narrador que permite que haja o desenvolvimento da narrativa através dos seus textos. Por esta razão não achei pertinente acrescentar informação em relação a outras personalidades. Pela mesma razão, no campo dos eventos, as únicas datas mencionadas são o nascimento e a morte da poeta.

Paralelamente, da minha parte também houve alguns elementos que exigiram a adaptação da aplicação por parte da empresa para que pudessem ser incluídos.

Para conseguir fazer uma distinção entre os textos produzidos por mim e aqueles que selecionei da obra de Sophia, tiveram de ser introduzidas novas ferramentas nos campos de edição de texto. Ao mesmo tempo houve a necessidade de garantir que a aplicação respeitava a mancha gráfica dos textos algo que no início não acontecia, fazendo com que os poemas aparecessem em texto corrido, sem que existisse distinção entre versos e estrofes. Existiram, também, problemas no reconhecimento de caracteres, por exemplo, inicialmente a aplicação não conseguia reconhecer as aspas colocadas nos títulos de vários POI, problema que condicionava a correta apresentação de vários títulos. Em paralelo, a necessidade de incluir vídeos também levou a que fossem necessárias alterações, nomeadamente no que diz respeito à capacidade para *upload* suportada pela aplicação, que teve de ser aumentada.

1.3. Síntese de campos

Os principais campos a preencher para o roteiro estruturam-se da seguinte forma:

ROTEIRO – Conjunto de POI sobre uma determinada temática/personalidade/área de interesse.

- Imagem
- Nome
- Descrição
- Ficha Técnica
- Organização associada
- Categoria (esta opção permite aos utilizadores filtrarem os diferentes roteiros)

POI – Pontos de Interesse de um roteiro (poderão estar ordenados considerando a sua distância para o utilizador ou, então, considerando a ordem definida pelo autor do roteiro).

- Nome
- Descrição
- Localização – (Morada e Coordenadas GPS)
- Custo de Acesso (caso exista)
- Características relacionadas – Pessoas/ Eventos/ Objetos
- Imagens
- Áudio
- Vídeo

Pessoas/ Eventos/ Objetos – Cada POI de um roteiro pode ter múltiplas Pessoas, Eventos e Objetos relacionados com o mesmo. Ajudam a caracterizar a relevância e história de um POI. Cada uma destas características possuiu uma pequena página com a seguinte informação

- Pessoas
 - Nome

- Descrição
 - Imagens
 - Áudio
 - Vídeo
 - Data de Nascimento
 - Data de Falecimento
- Eventos
 - Nome
 - Descrição
 - Tipo de evento
 - Imagens
 - Áudio
 - Vídeo
 - Data do Evento
- Objetos
 - Nome
 - Descrição
 - Imagens
 - Áudio
 - Vídeo

2. Produção dos conteúdos

Os próximos pontos procuram explicar o processo realizado na seleção dos vários elementos do roteiro e os critérios que foram sendo aplicados. Todos os constituintes mencionados encontram-se organizados na tabela colocada em anexo⁴¹. Nessa tabela

⁴¹ Consultar Anexo número 2.

procurei estruturar o roteiro antes colocar a informação na plataforma disponibilizada pela Weblevel. Por essa razão organizei os campos à sua semelhança de modo a que o processo estivesse facilitado no momento de introduzir a informação no sistema.

2.1. Critérios de seleção dos textos de Sophia

Como já referi, após ler a obra de Sophia, identifiquei sete contos e 91 poemas, tendo como principal critério referências ao Mar e a espaços geográficos. Tendo em consideração que já tinha decidido a temática, mas ainda não tinha definido os pontos geográficos em que o roteiro se apoiaria, os textos selecionados descreviam pontos muito heterógenos e distantes entre si, ainda que todos estabelecessem algum tipo de relação com o Mar. Como é evidente esta primeira seleção teve de ser algo de um crivo e reestruturação contínua que aconteceu em simultâneo à conceptualização da ideia do roteiro.

Depois de decidido o tema, a identificação do eixo – Praia da Granja; Algarve; Grécia – foi fundamental para conseguir reduzir e direccionar a seleção. Pois, ao decidir nortear a narrativa por esses três pontos, excluí todos os textos que não se enquadrassem nesta geografia e dei atenção àqueles que, não só referissem estes espaços enquanto regiões, mas também aqueles que referissem cidades integrantes desses espaços.

Antes de decidir que cidades incluir dentro dos núcleos: Algarve e Grécia, soube que teria de incluir dois pontos no roteiro referentes à Quinta do Campo Alegre e à Casa na Travessa das Mónicas. O primeiro, antes de mais devido ao âmbito em que o projeto se insere. Pois, estando ligado ao Museu Digital da Universidade do Porto, o roteiro tinha necessariamente de incluir o elo entre a personalidade e a Universidade. Para além disso, é um ponto fundamental na vida da escritora sintetizando toda a sua infância e adolescência, do mesmo modo que a Casa da Travessa das Mónicas simboliza toda a vida adulta de Sophia. Porque, ainda que o foco do roteiro não seja a biografia da poeta, este organiza-se na sucessão cronológica dos acontecimentos na sua vida. Assim sendo, durante o processo de seleção dos textos procurei escolher um excerto para cada um destes pontos que os descrevesse sem que, ainda assim, a temática do Mar se perdesse.

Uma vez que um dos objetivos do roteiro era transmitir a conceção do Mar na mundividência de Sophia Mello Breyner, durante o processo de seleção, dei também

atenção aos textos que descrevessem a relação da poeta com o Mar e que fossem além dos lugares físicos. Estes acabaram por se revelar fundamentais para a construção dos pontos que iniciam e encerram o roteiro (prólogo e epílogo) e do POI referente à cidade de Oevenum nas Ilhas Frísias. Todos eles, mais do que transportar o utilizador para um lugar físico procuram transmitir a ideia de que o Mar para Sophia de Mello Breyner Andresen transcende a sua conceção comum e a sua materialidade. Após direcionar a seleção dos excertos em função destes critérios consegui reduzir a recolha para 44 poemas e dois contos.

Os lugares da região do Algarve e da Grécia foram os últimos pontos a serem acrescentados no roteiro. O número de textos que referiam cidades ou espaços circunscritos a estas regiões era considerável, embora nem todos tivessem o mesmo impacto na relação estabelecida entre o espaço e o Mar. Posto isto, e tendo este critério em mente, parti para a seleção dos textos e consequentemente dos pontos, terminando com quatro para o Algarve (Lagos, Praia Don'Ana, Ermida da Senhora da Rocha e Praia da Ingrina) e dois para a Grécia (Delfos e Creta).

Terminado este processo, que se revelou moroso, com avanços recuos e indecisões, cheguei a um total de 13 textos dos quais 11 eram poemas e os restantes eram excertos retirados dos contos *A Saga* e *Era uma vez uma praia Atlântica*. Para além destes, que correspondem aos 13 pontos georreferenciados, selecionei ainda um excerto do poema *Casa Branca* que aparece no objeto selecionado para o POI - "A praia da Granja é a praia inicial da minha vida".

Houve necessidade de proceder ao corte de alguns dos poemas escolhidos por dois motivos: alguns eram demasiado longos, como aconteceu nos excertos selecionados para os POI referentes à cidade de Lagos⁴² e à Praia Don'Ana⁴³; ou porque parte do poema não se debruçava diretamente sobre os aspetos que eu procurava evidenciar, nomeadamente a relação do espaço com o Mar, como aconteceu no POI número 2 referente à Quinta do Campo Alegre⁴⁴. Como anteriormente expliquei, com este roteiro não procuro substituir a leitura dita convencional da obra da autora, mas sim, apenas criar

⁴² Título do POI número 5 no roteiro: "*Lagos onde reinventei o mundo num verão ido*"

⁴³ Título do POI número 6 no roteiro: *A Praia das Grutas*.

⁴⁴ Título do POI no roteiro: *Um lugar desmedidamente grande*.

uma forma alternativa de a introduzir ao utilizador. Por isto, considero que estas supressões não devem ser entendidas como um problema ou desvirtuamento do texto original. Em todos os POI o título onde o texto foi publicado originalmente é disponibilizado, dando a oportunidade do utilizador o ir ler na íntegra se assim o entender, o que poderá dar dinâmica ao roteiro.

Apesar de ter procurado dar uma lógica à seleção apresentada é importante reconhecer que, ainda assim, este conjunto acabou por ser condicionado pela minha interpretação pessoal dos textos. Tendo em consideração a vasta produção da autora é muito provável que outra pessoa apresentasse outra seleção e, ainda assim o Mar continuava a ser o tema. Posto isto, e tendo em consideração o carácter pessoal desta seleção, passo à explicação individual de cada poema e das razões que me levaram a escolhê-los:

POI número 0 – Os três últimos versos do poema *Inicial* são a razão pela qual o escolhi como introdução ao roteiro. A referência à “praia inicial” remete-nos para a Praia da Granja, e consequentemente, para o norte, que é um marco fundamental no roteiro. É onde se situa o Porto, cidade que o bisavô de Sophia escolheu para se fixar, foi onde Sophia viveu até à sua juventude, e é aí que toma contacto com o Mar pela primeira vez. Quando o sujeito poético diz: “Onde sou a mim mesma devolvida/ Em sal espuma e concha regressada/ À praia inicial da minha vida” transmite a ideia de que Sophia a partir do Mar consegue subsistir à finitude da vida e nós, figurativamente, podemos usá-lo como veículo para palmilhar a sua vida. E por isso, tal como ela, partimos do Norte.

POI número 1 – O desvio até às Ilhas Frísias é importante por dois motivos: primeiro, porque comprova que a relação de Sophia com o Mar existe mesmo antes dela, sendo parte integrante da história da sua família; e, em segundo, porque funciona como forma de introduzir a relação da poeta com este elemento que, ao contrário do seu bisavô, será sempre visto com um símbolo positivo, de verdade e felicidade. Foi isto que procurei sintetizar no excerto que retirei do conto *A Saga*, história inspirada em relatos de família que romanceia a vida do seu bisavô Jann Hinrich Andresen. Tal como Sophia, o seu antepassado acreditava poder alcançar a plenitude após a morte a partir do Mar.

POI número 2 – Sabendo que o roteiro teria de ter uma ligação direta ao património da Universidade, a Quinta do Campo Alegre foi o primeiro ponto do qual tive a certeza, ainda antes de ter escolhido o Mar como tema. Por isso, posteriormente, houve a necessidade de o enquadrar dentro da lógica da narrativa. Apesar do poema escolhido ter sido escrito pouco tempo depois da morte do seu primo e escritor Rúben A⁴⁵, a descrição pormenorizada que a poeta faz das suas memórias de infância na Casa Andresen, pareceu-me importante para introduzir o utilizador naquele ambiente. Mas, a principal razão pela qual escolhi o poema - *Carta a Rúben A.* - foi o seguinte verso: “E o mar quebrava ao longe entre os pinhais”. Este permiti-me invocar o Mar, mesmo naquele local em que atualmente nos é difícil acreditar que se possa conseguir ouvir tais ondas, mas cujos terrenos já foram muito mais extensos. Este verso é ainda um bom exemplo da prevalência da temática do Mar na obra de Sophia que não hesita em utilizá-lo como imagem sensorial. Ao mesmo tempo, permitiu-me ainda fazer referência às alterações que foram ocorrendo no espaço, criando o ambiente ideal para as analepse mentais que ambiciono provocar.

POI número 3 – A escolha do texto para a Praia da Granja foi difícil, porque, como a própria Sophia reconhece⁴⁶, foi um local que sempre a inspirou e marcou profundamente. Só em prosa, registei 4 contos onde existem marcas evidentes deste local, entre os quais títulos tão conhecidos como: *A Casa Branca* e *A Menina do Mar*. Porém, foi também por causa desta abundância, que acabei por decidir utilizar excertos do conto: *Era uma vez uma Praia Atlântica* porque, entre todas as opções possíveis, é um dos contos menos conhecidos da autora, tendo sido produzido em circunstâncias particulares. Escrito em 1996, é publicado na coleção 98mares, iniciativa criada no âmbito da celebre EXPO98 que teve como tema: *Os oceanos o património para o futuro*.

Para além disto, gostei particularmente da descrição que Sophia faz da praia, dos cheiros, das sensações e dos rituais desses dias idos na Praia da Granja. Tudo isto acabou

⁴⁵ Rúben A. morre a 23 de setembro de 1975, em Londres, e o poema tem a data de junho do ano seguinte.

⁴⁶ *Sophia e a palavra...* p. 50.

por se tornar mais interessante quando, por acaso, encontrei a digitalização de uma dedicatória da poeta ao seu amigo Eduardo Lourenço que, ao oferecer-lhe o livro escreve: “Para Eduardo Coelho com a memória nostálgica e quasi tal e qual da minha infância marinha (...)”⁴⁷.

Entre as muitas possibilidades, acabei por selecionar o excerto que apresento por achar que este descreve algo que já não é possível de ser observado naquele local procurando, desta forma, dar ao utilizador elementos que o permitam recuar mentalmente. Para além disto é um registo que remete para a infância, aspeto importante quando se pretende que o roteiro acompanhe o crescimento da poeta e, a Praia da Granja é, invariavelmente um lugar onde teremos de encontrar Sophia criança.

POI número 4 – Se a Granja é a praia da infância de Sophia, o Algarve é descoberto já como mulher adulta, sendo por isso importante fazer o utilizador entender que, embora o tempo tenha passado, a relação com o Mar mantém-se.

O título do poema escolhido - *Estações do Ano* - por si só, já é uma referência à passagem do tempo e, conseqüentemente, ao envelhecimento. No entanto, na segunda e terceira estrofe, o sujeito poético recorda a praia do norte que frequentou na sua juventude, reforçando essa ideia de ser algo passado, como conseguimos perceber pelos seguintes versos: “A praia onde o vento/ Desfralda as barracas/ E vira os guarda-sóis/ Ficou na infância antiga” e ainda “Perdeu-se a frescura/ Do verão adolescente”. A praia aqui mencionada é a do Norte, como percebemos pela referência aos incómodos provocados pelo vento. Através da descrição dos verões mais quentes e sem vento ou a partir da referência à cal, característica fundamental da arquitetura do sul de Portugal, também rapidamente identificamos a praia do presente como sendo a do Algarve. Como podemos ler nos primeiros três versos da última estrofe: “Aqui onde estou/ Entre cal e sal/ Sob o peso do sol/ Nenhuma folha bole”.

Considero que, a dicotomia apresentada entre as características destes dois lugares, é importante para a orientação do utilizador no tempo da narrativa.

⁴⁷ Carta de Sophia de Mello Breyner para Eduardo Lourenço, Abril 1997. In Eduardo Lourenço. Lisboa: Centro Nacional de Cultura (Disponível em <http://www.eduardolourenco.com/textos/correspondencia/45-Sophia-Mello-Breyner-Andresen.html>) [consultado a 04/09/2019].

POI número 5 – Entre os vários lugares em que Sophia esteve no Algarve, Lagos foi onde passou mais tempo, sendo essa uma das razões que me levou a introduzir a cidade no roteiro. Paralelamente, queria incluir o poema *Caminho da Manhã* por o considerar particularmente pertinente, uma vez que se trata de uma descrição de um trajeto em que o Mar é várias vezes mencionado como ponto de orientação. Ao mesmo tempo, a descrição dos espaços e das sensações é bastante exaustiva e ainda hoje reconhecível quando deambulamos pelo centro de Lagos.

Uma vez que, como a poeta admitiu numa entrevista dada ao Jornal de Letras, Artes e Ideias em 1991⁴⁸, o poema surgiu depois de ter dado indicações à empregada para ela conseguir encontrar o caminho para o Mercado de Lagos, achei que faria todo o sentido incluí-lo neste ponto.

“Muitas vezes eu ia a Lagos a pé às compras. Outras vezes ia a empregada uma dia ensinei-lhe o caminho e o que havia de comprar, etc. para ela fazer o que eu tinha feito na véspera. Depois de lhe dizer tudo isso, apercebi-me que aquilo era uma espécie de poema e escrevi mais ou menos o que lhe tinha dito. Chamei-lhe *Caminho da Manhã*.”

POI número 6 – O gosto de Sophia pela Praia Don’Ana é conhecido, tal como a suas repetidas peregrinações de barco às grutas que existem nas imediações da praia, e por isso a escolha de um excerto do poema *As Grutas* revelou-se evidente.

“E ainda me lembro das Grutas da Praia de Dona Ana onde se ia de barquinho a remos, sem barulho, sem cheiro a gasolina, chegava-se lá e estavam desertas (..) calmas e maravilhosas.”⁴⁹

A utilização deste poema permite que o utilizador deixe de observar o Mar da praia e entre nele. As descrições sensoriais são particularmente fortes, tal como a ideia de que o Mar é algo puro e sagrado: “Tudo está vestido de solenidade e de nudez.”, sendo um exemplo por excelência do valor simbólico que a escritora atribuía ao Mar.

À semelhança do que acontece em *Caminho da Manhã*, também a partir deste poema é possível reconhecer vários elementos descritos pela escritora, nomeadamente o nome

⁴⁸ Sophia: a luz dos versos... p. 10.

⁴⁹ Sophia: a luz dos versos... p. 10.

das rochas que se mantêm os mesmos. Por exemplo, quando o sujeito poético diz, “Mas já no mar exterior a luz rodeia a Balança”, esta Balança não é mais do que o nome dado a uma das rochas por causa das suas semelhanças com o objeto. Colocando-me no lugar do utilizador considero estes elementos interessantes e curiosos, podendo funcionar como um incentivo à descoberta.

POI número 7 – O POI da Ermida da Nossa Senhora da Rocha é um dos exemplos em que foi o texto que impôs o lugar. Para além de Lagos e da Praia Don’Ana que, por causa da importância reconhecida pela poeta, rapidamente foram incluídos no roteiro. Os restantes pontos anexos ao Algarve, acabaram por ser selecionados tendo em consideração as particularidades dos textos que selecionei. A autora escreveu sobre vários lugares da costa Algarvia, mas nem todos revelaram a mesma pertinência para o tema, no meu entender.

A Ermida de Nossa Senhora da Rocha é um lugar particular porque, por estar construída num pontão que entra Mar adentro, dá a sensação de que a capelinha está sobre a água. Este pormenor visualmente tem muito impacto, principalmente nos dias de hoje, em que o tamanho exíguo do templo contrasta com a arquitetura erguida à sua volta.

A comparação entre a figura da Nossa Senhora e a estátua da Vitória de Samotrácia é também importante, dando materialidade a ligação entre a Grécia e o Algarve, que Sophia considerou semelhantes. Embora este POI se encontre antes dos referentes à Grécia, parece-me importante demonstrar a influência da cultura grega. Entendo que, estabelecer esta relação triangular entre Algarve - Grécia - Mar é importante para dar maior coerência ao roteiro e dar ao utilizador a noção da permanência do Mar como elemento central.

POI número 8 – O isolamento da Praia da Ingrina que ainda se verifica nos dias de hoje teve importância na escolha. Neste lugar, mais impactante do que reconhecer reminiscências físicas, são as sensações transmitidas pelo lugar, e reconhecidas por Sophia, que prevalecem. Ainda que reconheça que não é possível fazer exatamente a mesma leitura do espaço do que a poeta, admito que em lugares como a Ingrina essa possibilidade seja facilitada. Ao incluir o texto *Ingrina* pretendia acima de tudo criar um

momento do roteiro em que o é evidenciado é a relação com o real que a escritora procurava.

POI número 9 – O poema *Ressurgiremos*, escolhido para a Grécia, mais do que fazer uma descrição física do espaço, sintetiza aquilo que Sophia procurava naquele lugar e acreditava existir mesmo antes de conhecer o país. A repetição do verbo ressurgir ao longo dos versos, transmite a crença que a poeta tinha em relação à Grécia, enquanto epitome da verdade e de integridade.

Delfos e Creta são ambos várias vezes mencionados no poema, como exemplos de lugares onde a poeta encontrou aquilo que acreditava existir. Considerarei essa menção pertinente porque, os dois POI seguintes referem-se a esses lugares, o que faz com que o poema funcione como mote da mundividência grega, inaugurando outro marco no roteiro: o momento em que Sophia finalmente visita o lugar que desde sempre alimentou as suas crenças e a sua relação com o Mar.

POI número 10 – Delfos na concepção da Grécia por Sophia, ainda é o centro do mundo e, só por isso, ganharia um lugar no roteiro.

Na Grécia, embora o terreno seja montanhoso, o Mar está sempre por perto. Para rapidamente se deslocar entre os espaços, os antigos gregos preferiam navegar a transpor o acidentado território. Dessa forma começa também a viagem de Sophia, "Desde a orla do mar", a escassos quilómetros do templo de Delfos. E do mesmo modo também o utilizador, metaforicamente, utiliza o Mar para se deslocar ao longo do roteiro.

O sétimo e oitavo versos da primeira estrofe: “Onde vi desabar interruptamente a arquitetura das ondas/ E nadei de olhos abertos na transparência das águas” são importantes por mostrarem que a descoberta do lugar começa ainda no Mar.

Além disto, o facto de o poema ter sido redigido *in loco* no ano de 1970 pesou para a sua escolha, dando corpo à ideia de dar ao utilizador o mais próximo de uma descrição do local.

POI número 11 – Tal como acontece no poema escolhido para Delfos, também no de Creta o sujeito poético informa que tomou banho no Mar, como podemos ler logo na primeira estrofe: “Em Creta/ Onde o Minotauro reina/ Banhei-me no mar”. Essa relação foi notada e teve importância na escolha. Como expliquei acima, a relação de Sophia com a Grécia, parece ser definida por uma realidade paralela alimentada pelos clássicos gregos, como a *Odisseia* de Homero, e à qual nos é difícil ter acesso. No entanto, é permanente a relação que esta crença estabelece com o Mar e a importância que este assume na leitura do espaço. E é isso que se procurou transmitir ao utilizador através dos poemas – a comunhão entre o gosto pela Grécia o Mar.

Este poema é particularmente extenso. Porém, optei por não fazer cortes por causa das descrições físicas do lugar, que o sujeito poético vai fazendo ao longo de todo o poema, e que considero sejam bastante importantes para a aproximação do utilizador ao lugar.

POI número 12 – O POI referente a Lisboa subentende uma lógica semelhante ao da Quinta do Campo Alegre, sintetizando em si a vida adulta de Sophia passada na casa da Travessa das Mónicas. No texto que acompanha o POI, começo por citar Sophia quando admite que no início não gostava de Lisboa porque tinha saudades do Mar, mas que com o tempo passou a gostar de aí viver. A partir do poema *Lisboa* percebemos que, de facto, esse gosto para com a cidade existe e, ao ler o décimo quinto e décimo sexto verso: “Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata/ Lisboa oscilando como uma grande barca”, percebemos que ainda que no início a poeta não conseguisse, acabou por encontrar conforto no seu jardim e no rio, por onde Lisboa oscila a caminho do Mar.

POI número 13 – No último POI do roteiro o utilizador retoma ao lugar onde começou, ao Atlântico. À semelhança do que acontece no Prólogo, onde o roteiro começa sem que Sophia tenha nascido; no Epílogo o roteiro ainda não acabou, mas Sophia já morreu. Isto acontece porque, mais do que ser capaz de subsistir à finitude da morte através da Mar, a poeta prevalece no tempo a partir da sua poesia, como explica a primeira estrofe de *O Poema*: “O poema me levará no tempo/ Quando eu não for habitação do tempo/ E

passarei sozinha/ Entre as mãos de quem lê”. Porém, mais à frente, já na sétima estrofe, o sujeito poético vai mais longe e explica que “Mesmo que eu morra o poema encontrará/ Uma praia onde quebrar as suas ondas”. Ou seja, tal como Sophia a sua obra também se imortalizará a partir do Mar.

Mas, se tal como nos dizem os últimos dois versos do poema: “Alguém seu próprio se confundirá/ Com o poema no tempo” e o poeta se confunde com a sua poesia, podemos dizer que Sophia é a sua poesia e o Mar é o seu elo.

Por estar imortalizada no Mar é que o roteiro começa e termina no mesmo ponto porque, a obra e consequentemente, Sophia suplanta o tempo.

2.2. Produção dos textos para os POI

No total foram escritos treze textos. Desse total, doze acompanham os POI e um é a descrição do roteiro. O primeiro e último POI não têm textos explicativos, cingindo-se aos poemas de Sophia. Por querer que o destaque fosse a obra da poeta, achei pertinente iniciar e encerrar o roteiro da forma mais simples possível onde o destaque fosse o poema escolhido.

No que diz respeito aos textos que acompanham os pontos georreferenciados, procurei seguir a seguinte regra: começar por fazer referência ao estado recente dos locais e ir retrocedendo apoiando-me, sempre que possível, nos comentários de Sophia, recolhidos nas várias entrevistas que consultei. Ao mesmo tempo, procurei estabelecer relações entre a obra selecionada e o POI. Dessa forma, tentei criar uma unidade entre os vários elementos.

As citações de Sophia também foram importantes para marcar a sua presença no roteiro e mostrar a autora num registo diferente daquele que é transmitido pela sua obra.

Procurei que os textos não fossem muito extensos dada a sua finalidade. A relação entre o tamanho do texto e do texto de Sophia também foi tida em conta. Contudo, não me cingi a uma regra muito rígida, porque em função do material que consegui recolher, não tinha os mesmo tipo de informação para todos os lugares georreferenciados.

Os títulos usados nem sempre são referências diretas aos lugares. Alguns são citações de Sophia, como é o exemplo do título correspondente ao POI número 3: “A Praia da

Granja é a praia inicial da minha vida” e outros fazem referência aos poemas como acontece no POI de Creta ou da Ermida de Nossa Senhora da Rocha. No fundo dotei-me de alguma liberdade para dar alguma diversidade e não se tornar algo previsível que plasmasse a georreferenciação.

2.3. Produção dos textos para os Eventos

Os únicos eventos que fazem parte do roteiro são as datas correspondentes ao nascimento e morte de Sophia. Não considerei pertinente incluir outros acontecimentos por não achar benéfico para a ideia de narrativa fluída que idealizei. Apesar de haver referência a uma ou outra década para ajudar na percepção da passagem do tempo nos textos, a listagem exaustiva de factos não era de todo o que pretendia com este roteiro.

A colocação do evento relativo ao nascimento de Sophia apenas no terceiro POI, correspondente à Quinta do Campo Alegre foi propositado. Como já referi era minha intenção que o roteiro ultrapassasse a vida da poeta, daí começar antes do seu nascimento. Ainda que não tenha nascido na Quinta do Campo Alegre, a casa dos seus pais era a poucos metros. O importante, ao incluir o evento neste ponto do roteiro, é dar a perceber que a sua vida começou no Porto e que, por isso a narrativa irá acompanhar o seu crescimento, mas não se limitar a ele.

Obedecendo à mesma lógica, o evento que informa acerca da sua morte, surge no penúltimo POI, porque foi em Lisboa que a poeta faleceu e é aí que ainda hoje se encontram os seus restos mortais.

Tanto no campo dos eventos, como no dos objetos, procurei que os textos fossem o mais sucintos possíveis para não acrescentar demasiada informação aos POI onde se inserem, e correr o risco de distrair o utilizador do fundamental que é a narrativa.

2.4. Produção dos textos para os Objetos

Tendo presente a ideia de que, o fundamental era manter a unidade da narrativa, procurei que os objetos acrescentados não tivessem impacto direto sobre a mesma. Ou

seja, os materiais selecionados deveriam de funcionar como informação complementar e nunca como uma continuação do texto apresentado nos POI.

Do total dos seis objetos selecionados, penso que cinco cumprem os objetivos pretendidos, apenas a curta de João César Monteiro assume contornos particulares, mas que ainda assim faz sentido ter sido acrescentada enquanto objeto. No entanto, passarei a explicar cada um deles com mais pormenor:

POI número 1: Túmulo do Bisavó de Sophia – Decidi incluir uma referência sobre o jazigo do antepassado de Sophia, acima de tudo por causa das particularidades do objeto, mas ao mesmo tempo, por achar que dá materialidade ao conto citado, *A Saga*.

Paralelamente, considero que seja uma forma pertinente de chamar a atenção do utilizador para o Cemitério de Agramonte e para o valor patrimonial que possui.

POI número 2: Jardim Botânico do Porto – Escolhi colocar o Jardim Botânico como objeto no POI da Quinta do Campo Alegre com o seguinte objetivo: conseguir um espaço que me permitisse falar sumariamente sobre a história do edifício na diacronia, sem interferir com a narrativa, tendo em consideração a sua importância para história da Universidade.

POI número 3: Serigrafia de Maria Helena Vieira da Silva – A casa da Granja é um elemento importante na obra de Sophia. Contudo, não consegui perceber que casa seria essa exatamente, nem obter qualquer imagem da mesma.

Numa entrevista dada em 1993⁵⁰ a poeta afirma o seguinte:

“A minha casa estava construída a beira das dunas, o jardim prolongava-se nas dunas e estava coberto de uma flor à qual as pessoas chamavam chorina mas à qual os banheiros ali da Granja chamavam de balse e que dava flores amarelas e roxas. Todas estas coisas continuam a estar na minha memória e a viverem comigo, mas na realidade física esta casa foi totalmente destruída e degradada. A última vez que lá fui vê-la era para mim como um cadáver em composição. Não tinha sido o tempo mas a selvajaria das pessoas que a fizeram degradar. Antes disso a Maria Helena Vieira da Silva fez duas grandes gravuras para a edição francesa de um livro meu de poesia chamado *Mediterranéé* mas na realidade as gravuras são inspiradas na *Casa do Mar* tal como eu descrevo no meu conto *A Casa Branca*.”

⁵⁰ *Sophia e a palavra...* p. 50.

Apoiando-me nesta explicação, achei que fazia mais sentido mostrar ao utilizador uma das gravuras da artista plástica, a par do poema que Sophia refere como sendo a inspiração desses trabalhos, do que mencionar a casa sem ter a certeza de qual seria. Principalmente depois de ter sabido que a escritora já não se identificava com ela.

Paralelamente, é uma forma indireta de introduzir ao utilizador o trabalho de artista.

POI número 6: Curta Sophia de Mello Breyner de João César Monteiro – A curta metragem de João César Monteiro, gravada em 1968 durante umas férias de Sophia no Algarve com a família, é um elemento fundamental do roteiro. Consegui autorização para a sua utilização por parte do filho do produtor - Pedro Gil Monteiro - a quem muito agradeço⁵¹. Inicialmente pretendia fazer alguns *frames* do vídeo e utilizar como imagens ao longo dos POI sobre os vários lugares do Algarve. Contudo, dada a beleza do vídeo e os registos únicos que captou, decidi que fazia sentido mostrá-lo na íntegra, transformando-o num dos objetos do roteiro, dando-lhe assim o protagonismo que considero merecido. Ao longo do vídeo, temos imagens de Sophia a nadar no Mar e a visitar as grutas da praia Don’Ana, que na minha opinião não podiam ser mais acertadas atendendo à temática do roteiro. Para além disso houve o cuidado por parte de João César Monteiro em captar imagens do Algarve que, na minha opinião são ilustrações perfeitas de alguns textos de Sophia: como são exemplo das imagens do Mercado de Lagos, onde conseguimos encontrar a descrição que Sophia faz no poema *Caminho da Manhã* ou a ânfora que nos remete para o início do texto de *Arte poética I*⁵². Mas, ainda que o utilizador não tenha conhecimento destes textos, tem sempre a experiência de ver imagens do Algarve no final do anos 60.

POI número 9: Página do Diário de Viagem de Sophia – Se tivesse sido possível tinha gostado de mostrar mais manuscritos de Sophia, infelizmente este foi o único a que consegui chegar. Ainda assim, considero-o muito pertinente porque, para além de ser um registo da caligrafia da escritora, dá a conhecer uma comparação persistente no seu

⁵¹ Veja-se o email dando autorização para a sua utilização no Anexo número 3.

⁵² *Obra Poética*...p.889

imaginário: as semelhanças entre a Grécia e o Algarve. E por isso, desta forma, permiti-me introduzir esta ideia no roteiro.

POI número 13: Quadro de Nikias Skapinakis “Vista de Lisboa” [da varanda da travessa das mónicas] 1981 – Em várias ocasiões Sophia refere a importância que o espaço exterior da Casa das Mónicas tinha, funcionando como um refúgio. Ao encontrar o quadro de Nikias no site da Biblioteca Nacional, achei interessante mostrar a vista desse lugar a partir da perspetiva do artista plástico português, mas curiosamente com raízes gregas. E assim, tal como expliquei em relação a Maria Helena Vieira da Silva, introduzir o seu trabalho ao utilizador.

2.5. Imagens utilizadas no roteiro

Por não ter conseguido autorização da família para consultar o arquivo de Sophia, atualmente preservado na Biblioteca Nacional de Portugal, o aspeto visual do roteiro ficou condicionado.

Quando fiz o pedido pretendia procurar material variado que, depois de digitalizado, pudesse ser incorporado no roteiro. Não sabendo o que iria encontrar, direcionei o meu pedido para possíveis fotografias, mas também de manuscritos dos textos e diários. Ter acesso a este material também era importante para a qualidade das imagens apresentadas que, ao serem digitalizadas com esse propósito, apresentariam uma melhor resolução.

Uma vez que não consegui autorização, a maioria das imagens utilizadas foram retiradas do site da Biblioteca Nacional de Portugal⁵³ sobre Sophia, construído pela sua filha aquando da doação do acervo. Essa plataforma revelou-se fundamental, tendo sido o mais próximo a que consegui chegar do acervo e, desta forma, obter imagens que fossem além das produções para a imprensa ou sessões fotográficas. O aspeto casual, que as fotografias familiares adquirem, era importante por dar uma perspetiva diferente daquela a que estamos habitados, quando procuramos o nome de Sophia na *internet*.

⁵³ Sophia de Mello Breyner Andresen no seu tempo. Momentos e Documentos [em linha] Lisboa: Biblioteca Nacional (Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/index.html>) [consultado a: 04/09/2019].

Além das várias fotografias, foi também a partir daqui que consegui ter acesso às capas de livros, quadros e páginas do diário de Sophia. Estes foram importantes para complementar a imagem da escritora e da sua obra, permitindo uma visão mais transversal. Em especial, a página do relato da viagem à Grécia é interessante porque permite visualizar a sua caligrafia, aproximando o utilizador da escritora, rompendo a barreira da edição.

Para além das imagens retiradas do site da BNP, existem ainda fotografias tiradas por mim dos locais que me foi possível visitar, nomeadamente: Praia da Granja, Quinta do Campo Alegre, Praia de Don'Ana, Ermida de Nossa senhora da Rocha e Praia da Ingrina. Optar por colocar fotografias que retratassem os locais atualmente foi importante por duas razões: primeiro porque foi uma forma de dar resposta aos condicionamentos apresentados, pois nem sempre foi possível encontrar fotografias da poeta em todos os locais georreferenciados; segundo porque, como um dos objetivos do roteiro é levar o utilizador a ter a perceção das mutação que os espaços sofreram, considero que seja importante para contextualização ter acesso a um registo recente dos lugares. Mais não seja porque é possível navegar na aplicação sem estar fisicamente nos espaços. Como não tive oportunidade de viajar para as Ilhas Frísias nem para a Grécia, as imagens correspondentes a esses POI foram retiradas da internet. Ainda que para a Grécia tenha procurado ao máximo aproveitar as fotografias disponíveis de Sophia quando visitou esses locais.

Os dois vídeos que começam e terminam o roteiro foram captados por mim. Ainda que bastante simples e amadores considero que são um elemento importante por serem bastante sensoriais. O som da rebentação, o reflexo do sol sobre a água e a textura da espuma do mar e da areia, materializam muitas das descrições e sensações mencionadas por Sophia, potenciando uma experiência mais imersiva. Para além disto, ao serem a primeira e última coisa com a qual o utilizador toma contacto, evidenciam a importância do Mar enquanto elemento fundamental da narrativa. O facto de um ter sido gravado ao amanhecer e outro ao entardecer foi propositado, de modo a dar entender quando é que o roteiro começa e termina e, consequentemente, funcionar como metáfora do nascimento e morte Sophia. No entanto, ainda que a autora desapareça fisicamente, a sua obra

permanece, tal como a ideia de ser parte integrante do Mar. E, por isso, quando o utilizador vê o Mar e lê a obra de Sophia está a garantir que esta permanece viva.

Parte C – Resultados do projeto

O resultado do trabalho que procurei explicar até ao momento, pode ser consultado na versão online dos Roteiros⁵⁴, indo à opção *Roteiros* do menu ou, através da aplicação *mobile* que se encontra disponível para o sistema android e IOS. Ainda assim considero pertinente deixar registado nestas páginas a concretização do projeto que descreve. Posto isto, a título de exemplo passo a apresentar alguns *prints* que ilustram o roteiro na aplicação.

A primeira imagem é capa de apresentação do roteiro com que o utilizador se depara quando abre a aplicação. A segunda mostra o menu onde os vários pontos do roteiro estão dispostos. Já na terceira vê-se, a título de exemplo, o POI referente à Praia da Ingrina. Como é perceptível, abaixo da imagem escolhida surge o texto produzido por mim. Nessa mesma página, se o utilizador fizer *scroll*, tem acesso ao texto selecionado de Sophia e ao menu que lhe permitem ter acesso à informação incluída nos campos eventos e objetos. Na última imagem, consegue-se ver o quadro de Nikias Skapinakis, objeto selecionado para o POI da Travessa das Mónicas.



Figura 2 - Capa do roteiro na aplicação.

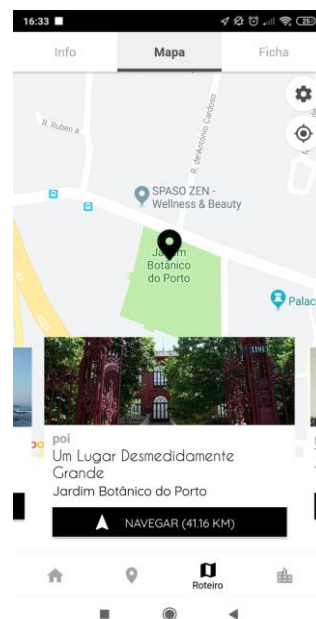


Figura 3 - Menu onde o utilizador tem acesso aos lugares georreferenciados.

⁵⁴ Museu Digital da Universidade do Porto. Porto: Vice-Reitoria para a Cultura/Weblevel (Disponível em: <https://museudigital.pt/>) [consultado a 04/09/2019]



Figura 4 - POI da Praia da Ingrina.



Figura 5 - Objeto do POI da Travessa das Mónicas.



Figura 6 - Aspetto do roteiro quando consultado no site do Museu Digital.

Considerações finais

a) Outras explorações em volta de Sophia

Ainda que tenha direcionado o tema do roteiro para a conceção do Mar na obra de Sophia, a verdade é que acabei por consultar um manancial considerável de informação para conseguir chegar ao que aqui apresento. Esse exercício levou-me a aumentar consideravelmente o meu conhecimento em relação à vida e obra de Sophia que, não só me permitiu tomar consciência da sua importância enquanto figura da cultura nacional, como também me fez reconhecer que o seu impacto vai muito além da produção literária.

Posto isto, uma vez terminada a descrição e apresentados os resultados do projeto a que me propus, considero pertinente deixar aqui outras abordagens à figura de Sophia de Mello Breyner Andresen e à sua obra, que não tiveram espaço neste trabalho.

Dada a atualidade do tema, penso que Sophia é uma autora exemplar para promover a reflexão acerca das alterações climáticas e sobre a importância do respeito pela natureza. Não será por acaso que, um dos poucos trabalhos académicos desenvolvidos em Portugal tendo por base a ecocrítica, seja aplicado à sua obra⁵⁵. A ecocrítica pode ser definida como sendo uma corrente que procura ler os textos literários à luz dos princípios ambientais e, a partir deles, provocar a reflexão acerca da relação entre o homem e o espaço. Este modelo diferencia-se da abordagem histórica e documental porque dá importância aos valores estéticos procurando, desta forma, apelar à empatia do leitor e promover o desenvolvimento de uma consciência ambiental.

Contudo, ainda que fosse interessante que este conceito se desenvolvesse ao nível dos estudos literários portugueses, penso que esta ideia pode servir de mote para projetos mais simples e com repercussões mais imediatas junto dos indivíduos. Ainda que de forma muito ligeira, procurei fazer uso desta ideia ao longo do roteiro. Ao fazer referência às alterações provocadas no espaço pelo aumento do fluxo dos turistas, por exemplo, um dos meus objetivos era também fazer com que o utilizador refletisse acerca do impacto

⁵⁵ CARDOSO, Olga Marisa Santos – Abordagem ecopoética da obra de Sophia de Mello Breyner Andresen. Aveiro: Universidade de Aveiro. Departamento de Línguas e Culturas, 2012. Dissertação de Mestrado.

dessa realidade na preservação dos espaços. Ou quando faço menção às transformações feitas na Praia da Don'Ana que tanta contestação provocou⁵⁶.

A própria Sophia manifestou-se várias vezes acerca desta realidade não sendo, por isso, despropositado utilizar a sua obra como bandeira desta causa. Por exemplo, quando lhe perguntam quais são os perigos da humanidade a poeta responde:

“Creio que esses perigos são a guerra nuclear, as centrais nucleares e os seus resíduos, a degradação do ambiente natural, a massificação, a ausência do sagrado na vida quotidiana, a promoção dos fanáticos e incompetentes o consumismo, as propagandas, a demagogia. Numa palavra, a degradação da Natureza e a degradação do espírito ambiental.”⁵⁷

E mais tarde, noutra entrevista explica:

“No meu último livro (*Ilhas*) há um poema chamado *Fúria* que é justamente sobre este mundo de destruição do quotidiano, de destruição do tempo da nossa vida que é o único que temos. As plantações de eucaliptos em Portugal por exemplo, são absolutamente revoltantes. Não se pode fazer a cultura extensiva que está a ser feita. Passa-se com o eucalipto o mesmo o mesmo com o Algarve: é a busca da galinha dos ovos de ouro, que acaba por matar.”⁵⁸

Outra abordagem, que ainda chegou a ser equacionada, era aproveitar a relação umbilical da obra de Sophia com o Mar e chamar a atenção para o crescimento exponencial da poluição dos oceanos.

Paralelamente, outro aspeto da vida da escritora, que acabou por se refletir na sua produção literária, foi o seu ativismo político e social. Lutou contra o regime do Estado Novo, vendo a sua vida várias vezes condicionada, como as cartas trocadas com o escritor Jorge de Sena o demostram.⁵⁹

Os seus poemas tornaram-se lemas da Revolução 25 de abril, como é exemplo a frase: “A poesia está na rua”. Participou na Assembleia Constituinte, mas rapidamente acabou por se aperceber das hipocrisias da política e, talvez por isso, não tem merecido a atenção que poderia ter na construção da memória deste período.

⁵⁶ REVEZ, Idálio - Obras na praia Dona Ana, em Lagos, motivam queixa contra o Estado em Bruxelas. **Público** [em linha] (14/07/2015) [consultado a 15/09/2019] Disponível em <https://www.publico.pt/2015/07/14/local/noticia/obras-da-praia-dona-ana-em-lagos-motivam-queixa-contr-o-estado-em-bruxelas-1701941#gs.9gpeM5MY>.

⁵⁷ TOMÉ, Luís Figueiredo – Sophia de Mello Breyner termina o livro de poesia «estilo manuelino». **Diário de Notícias**. (20/12/1987) pp. 6-7.

⁵⁸ SOUSA, J. A. Dias de - Sophia «O mal é como a hidra das sete cabeças». **Jornal de Notícias**. (28/03/1990).

⁵⁹ Andresen, Sophia de Mello Breyner - *Correspondência de Sophia de Mello Breyner e de Jorge de Sena: 1959-1978*. Lisboa: Guerra e Paz, 2006.

O aspeto sensorial da obra de Sophia é outra característica que considero ter potencial para ser explorado, principalmente numa era em que tudo se quer imersivo e potenciador de experiências. Os cinco sentidos repetidamente são invocados na sua obra, principalmente a visão, o olfato e a audição. Posto isto, penso que seria interessante desenvolver ideias que procurassem dar a conhecer o trabalho da poeta e que fossem além da mera leitura ou audição dos textos. Por exemplo, pensar numa exposição onde, à medida que avançamos, sentimos fisicamente aquilo que Sophia descreve nos poemas. Afinal, haverá algo mais sensorial do que: “O grito da cigarra ergue a tarde ao seu cimo e o perfume do orégão invade a felicidade”⁶⁰?

Como procurei explicar, quando apresentei os objetivos deste projeto, é importante parar de olhar para a literatura como algo muito complexo e escolar e deixá-la atuar ativamente na formação cultural e humana dos indivíduos.

b) Um modelo para a produção de roteiros culturais

Acredito que, para além de ter produzido conteúdos para um roteiro literário sobre Sophia de Mello Breyner, com este projeto contribui para o desenvolvimento de uma nova tipologia de roteiro.

A partir da metodologia apresentada desenvolvi um protótipo cultural que estabelece uma relação entre um tema, um espaço e um artista. Este modelo não só pode ser aplicado a outros autores e geografias, como pode adaptar-se a outras áreas da cultura, nomeadamente às artes plásticas ou ao cinema. Por exemplo, dar a conhecer o Porto a partir dos filmes de Manoel de Oliveira.

Na prática este modelo pode ser aplicado individualmente, a um lugar ou personalidade, como no caso de Sophia ou funcionar como ideia para uma plataforma que reúna em si um conjunto de roteiros que apresentam diferentes perspetivas sobre o mesmo espaço. Partindo, como mostrei, da seleção de um ou mais espaços ou personalidades, deverá procurar-se um tema que sirva como fio condutor de toda a narrativa. Para esta seleção será necessário fazer uma análise aprofundada da obra ou espaço em questão. Por exemplo, no caso do meu roteiro, partindo da figura de Sophia, parti para a leitura integral

⁶⁰ *Obra Poética...* p. 497.

da sua obra, acompanhando-a de alguma bibliografia de cariz analítico sobre a mesma. Deste estudo surge a ideia do Mar como fio condutor, definindo-se depois os diversos pontos do roteiro. É importante que os diferentes locais se articulem entre si de forma fluída através da narrativa.

Seguindo esta metodologia, disponibilizar-se-ia uma forma alternativa de dar conhecer um lugar onde a informação se distinguiria dos habituais roteiros. Em si conseguir-se-ia aglutinar vários aspetos da cultura de um lugar.

c) Constrangimentos

Os objetivos pretendidos com este projeto foram cumpridos e a materialização do roteiro na aplicação é prova disso mesmo. O percurso que aqui apresento foi algo que me deu muito gosto de fazer, mas como é natural houve dificuldades que tiveram de ser ultrapassadas.

Como tive oportunidade de explicar, a impossibilidade de consultar o acervo de Sophia foi algo que, na minha opinião, condicionou o resultado do roteiro. Ao desejar conseguir ter acesso a alguns inéditos procurava valorizar o trabalho através da disponibilização de novos materiais acerca da poeta. Ainda assim, acredito que esta experiência tenha sido benéfica porque, ao desenvolver este tipo de trabalhos, muitas vezes vemo-nos na necessidade de entrar em contacto com os familiares detentores de espólios e direitos sobre a obra. Tarefa que nem sempre se revela fácil.

Outro exemplo desta realidade, é o percurso que tive de fazer para conseguir autorização para a utilização do vídeo de João César Monteiro. Neste caso, o problema não foi conseguir a permissão do filho, que aliás se revelou extremamente prestável, mas sim conseguir chegar até ele. Atualmente, a situação relacionada com os direitos de autor, é tão intrincada que dificulta o trabalho na hora de pedir estas autorizações porque, nunca sabemos exatamente a quem nos dirigir. Contudo, tentei encarar estas dificuldades como um ensaio para a vida real onde diariamente nos deparamos com problemas de índole burocrática, que nos obrigam a ser criativos nas formas de contacto e a pensar em alternativas às ideias iniciais.

A par destes problemas, que ultrapassam as minhas capacidades, o facto de a certa altura, estar tão absorvida pelo universo de Sophia, dificultou alguns processos. Este nível

de envolvimento não só faz com que desenvolvamos empatia para com o personagem, o que retira alguma imparcialidade, como também faz com que se torne difícil distinguir o essencial do acessório. A proximidade com o tema leva-nos a assumir tudo como imprescindível, o que é particularmente problemático para o desenvolvimento de conteúdos, que se querem sucintos, claros e objetivos. Contudo, penso ter conseguido libertar-me da afeição que desenvolvi à volta da minha ideia de Sophia, apesar de ter consciência que, invariavelmente, estes trabalhos têm sempre um lado subjetivo que reflete a personalidade de quem o pensou.

Como procurei explicar, o facto do estar a produzir conteúdos para uma aplicação pré-existente levou a que algumas das minhas ideias tivessem de ser repensadas. Exemplo disso são os vídeos da rebentação do Mar, ao nascer e por do sol, que pretendia utilizar como imagem de capa dos POI referentes ao Prólogo e ao Epílogo. No entanto, a aplicação não suportava essa possibilidade. Os vídeos mantêm-se nos POI, mas não surgem de forma imediata, levando a que o utilizador tenha de fazer vários cliques para conseguir chegar até eles. Quando pensei nestes vídeos pretendia introduzir um elemento mais imersivo no roteiro. Infelizmente, com estas alterações penso que, em parte, esse objetivo se tenha perdido, contribuindo para a falta de fluidez da narrativa na aplicação. Para conseguir preencher o campo “Imagem” desses POI acabei por utilizar um *frame* desses vídeos. Até ao momento também não foi possível fazer com que a curta de João César Monteiro fique visível, encontrando-se a empresa a trabalhar para que isso seja possível. Em alguns POI e objetos, optei por colocar mais do que uma imagem procurando, desta forma, criar um *slide show* que o utilizador pudesse visualizar automaticamente. No entanto, tanto na aplicação como no site, tal não é possível neste momento, sendo o utilizador obrigado a clicar na imagem de capa de cada POI para conseguir ter acesso às restantes imagens.

Em síntese, o facto de estar previsto que a aplicação albergue tantos roteiros e tão heterogéneos faz com que tenha de ser muito abrangente, o que a torna pouco intuitiva. O utilizador tem de proceder a várias ações para conseguir ter acesso a todo o conteúdo. Estas características acabaram por interferir com a experiência inicial que tinha idealizado para o roteiro de Sophia. Ainda assim, se não tivesse tido acesso a esta ferramenta,

disponibilizada pelo Museu Digital da Universidade, não teria conseguido pôr em prática nenhuma das minhas ideias e, por isso, revelou ser uma ótima plataforma que permite que os alunos materializem as suas ideias conseguindo, dessa forma, ir além do teórico.

d) Objetivos alcançados

Apesar de algumas alterações aquando da passagem da minha ideia para a aplicação, acredito, no final ter conseguido transmitir aquilo que pretendia quando iniciei este projeto. Em primeiro lugar, a ideia de que a literatura é algo com imenso potencial para o desenvolvimento de produtos culturais, sendo uma forma fácil de introduzir uma série de conceitos, perspetivas e vivências. Recorrendo à literatura, conseguimos ter acesso a experiências e realidades que seriam impossíveis de outra forma, “Porque ler é uma forma de viver”⁶¹. Em segundo demonstrar o valor da obra de Sophia de Mello Breyner enquanto património nacional que deve ser vivido e explorado. Mais do que ficarmos agarrados à ideia de Sophia enquanto ser humano notável que foi, devemos deixá-la perdurar no tempo através da sua obra. E só a partir da sua divulgação e dinamização é que conseguimos manter vivo esse património que tem valor intrínseco para ser transmitido às gerações futuras.

Jean Michel Leniaud na obra *L'utopie Française: essai sur le patrimoine*⁶², classifica o património como sendo um talismã que uma geração entende que deve transmitir às seguintes.

Pessoalmente acho esta ideia muito interessante porque, de facto, o património assume o valor que nós lhe atribuímos encerrando em si um conjunto de características que nos despertam para aquilo que já somos. E tanto a literatura no geral como Sophia em particular desempenham esse poder de forma exemplar.

⁶¹ MONTERO, Rosa - *A Louca da Casa*. Porto: Livros do Brasil, 2017 p. 143.

⁶² LENIAUD, Jean Michel - *L' utopie française: éssai sur le patrimoine*. Paris: Mengès, 1992.

Referências bibliográficas

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *A Floresta*. 15ª ed. Porto: Figueirinhas, 1987.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *A Menina do Mar*. 44ª ed. Porto: Porto Editora, 2015.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *Contos Exemplares*. 4ª ed. Lisboa: Portugália Editora, 1971.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - *Correspondência de Sophia de Mello Breyner e de Jorge de Sena: 1959-1978*. Lisboa: Guerra e Paz, 2006.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *Era uma vez uma praia Atlântica*. Lisboa: Expo '98, 1997.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *Histórias da Terra e do Mar*. Porto: Figueirinhas, 2006.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - *Obra Poética*. Porto: Assírio e Alvim, 2015.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – Poesia e Realidade. **Colóquio Letras**. nº 8. Abr. (1960) pp 53-54.

BELCHIOR, Maria de Lourdes – Itinerário literário de Sophia. **Colóquio Letras**. nº 89. jan (1986) pp. 36-42.

BELTING, Hans – *Antropologia da Imagem*. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.

BERTOLAZZI, Federico – *Almadilha. Ensaio sobre Sophia de Mello Breyner Andresen*. Lisboa: Documenta, 2019.

CARDOSO, Olga Marisa Santos – *Abordagem ecopoética da obra de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Departamento de Línguas e Culturas, 2012. Dissertação de Mestrado.

CEIA, Carlos – *Iniciação aos mistérios da poesia de Sophia de Mello Breyner*. Lisboa: Vega, 1996.

CERQUEIRA, Gabriella Potti – *Mar de Concreto: Uma leitura da cidade e de sua relação com o mar nos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011. Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa.

COELHO, Alexandra Lucas – No mundo de Sophia. **Público** [em linha] (21/06/2009) [consultado a 15/09/2019] Disponível em <https://www.publico.pt/2009/06/21/jornal/no-mundo-de-sophia-310973>.

Colóquio Internacional Sophia de Mello Breyner Andresen Lisboa - *Sophia de Mello Breyner Andresen: atas do colóquio internacional*. Porto: Porto Editora, 2013.

CUNHA, Sílvia Souto – Sophia de Mello Breyner Andresen: Nada lhe faltou para ser mito. **Visão**. nº 1348 (2019) pp. 37-47.

Estudos em homenagem a Sophia de Mello Breyner Andresen. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2005.

FERREIRA, José Ribeiro – *Temas da Poesia de Sophia: Rumor de Mar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

GONÇALVES, Rita Roby – O barco dos Andresen da Dinamarca ancorou em Portugal. **Diário de Notícias** [em linha] (21/06/2009) [consultado a 15/09/2019] Disponível em

<https://www.dn.pt/pessoas/interior/o-barco-dos-andresen-da-dinamarca-ancorou-em-portugal-1268690.html>.

GONÇALVES, Vera Lúcia da Silva Braga Penetra - Imagens e memórias em reconstrução: do Palácio de Cristal Portuense ao Pavilhão Rosa Mota. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018. Dissertação de Mestrado.

Lei nº 107/2001. D. R. I série – A. nº209 (2001/09/08) pp. 5808-5829.

LENIAUD, Jean Michel - *L' utopie française: éssai sur le patrimoine*. Paris: Mengès, 1992.

LIMA, Renata Ribeiro; FEITOSA, Márcia Menir Miguel - Os lugares de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Cadernos de Pesquisa**. v. 17: nº 1 jan./abr (2010) pp. 1-7.

MONTERO, Rosa - *A Louca da Casa*. Porto: Livros do Brasil, 2017 p. 143.

NERY, Isabel – *Sophia de Mello Breyner Andresen*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2019.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha – *Estudos da História da Cultura Clássica: Cultura Grega*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.

RANGEL, Inês Alvim – *A Geografia Visual de Sophia. Análise interpretativa da carga imagética e da visualidade presente na obra e na vida de Sophia de Mello Breyner*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. Dissertação de Mestrado.

REVEZ, Idílio - Obras na praia Dona Ana, em Lagos, motivam queixa contra o Estado em Bruxelas. **Público** [em linha] (14/07/2015) [consultado a 15/09/2019] Disponível em <https://www.publico.pt/2015/07/14/local/noticia/obras-da-praia-dona-ana-em-lagos-motivam-queixa-contra-o-estado-em-bruxelas-1701941#gs.9gpeM5MY>.

RITA, Anabela – Visita a “Casa do Mar” de Sophia. **Revista o Escritor**. nº11/12 (1998) pp. 277-284.

Sophia: No centenário do nascimento da grande poeta, o JL começa a assinalá-lo. **Jornal de Letras Artes e Ideias**. nº 1268 (2019) pp. 6-15.

TAVARES, Miguel Sousa – *Cebola Crua com Sal e Broa: da infância para o mundo*. Lisboa: Clube do Autor, 2018.

TAVARES, Miguel Sousa – Roma, Piazza Navona. **Colóquio Letras**. nº 176 jan (2011) pp. 127-129.

TAVARES, Pedro Sousa – O Algarve de Sophia por Pedro Sousa Tavares. **Diário de Notícias** [em linha] (13/08/2018) [consultado a 15/09/2019] Disponível em <https://www.dn.pt/1864/interior/no-algarve-de-sophia-9699673.html>.

Entrevistas

CASAI, Maria da Conceição – Sophia: «E o brilho do visível frente a frente». (15/03/1989) pp. 16-17.

COELHO, Alexandra Lucas – No Jardim de Sophia. **Público**. (12/06/1999) pp. 2-3.

COELHO, Eduardo Prado – Uma personalidade, um tempo, uma obra Sophia de Mello Breyner Andresen fala com Eduardo Prado Coelho. **Instituto de Cultura e língua portuguesa**. nº6 (1986) pp. 60 – 79.

FRANÇA, Elisabete – Sophia de Mello Breyner Andresen: 50 anos de literatura. **Diário de Notícias**. (24/11/1994) pp. 2-3.

GUERREIRO, António – Os Poemas de Sophia. **Jornal Expresso** (15/07/1989). pp. 54 – 57.

LEMOS, Vergílio – Sophia: “As navegações portuguesas foram uma epopeia de espanto. **Revista Oceanos**. nº 4 (1990) pp. 127 – 130.

LEMOS, Virgílio de – Sophia: «Há forças de destruição na minha poesia». **Ler**. nº 7 (1989) pp. 21-25.

OLIVEIRA, Joaci – Delicadíssima Sophia. **Cidade Nova**. nº 3 (2001) pp. 8-9.

OLIVEIRA, Joaci – Sophia: A vida é uma festa e alegria, mas também sofrimento. **Cidade Nova**. nº 1 (1995) pp. 7-8.

PACHECO, Fernando Assis – Sophia, vida a limpo. **Visão** (23/02/1995) pp.80-81.

PASSOS, Maria Armanda – Sophia de Mello Breyner Andresen “Escrevemos Poesia para não nos afogarmos no cais”. **Jornal Letras Artes e Ideias**. nº 26 (1982) pp. 2-5.

PEREIRA, Miguel Serras – Sou uma mistura de norte e sul. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**. nº 135 (1985) pp. 2-3.

PEREIRA, Ricardo de Araújo – «O Poema é uma outra forma de envelhecer». **Jornal de Letras, Artes e Ideias**. nº 709 (1997) pp. 6-10.

SIGALHO, Lúcia – As Luzes de Sophia. **World Life**. (1989). Pp. 98-103.

Sophia e a palavra. **Noesis**. nº 26 (1993) pp. 50-51.

SOUSA, J. A. Dias de - Sophia «O mal é como a hidra das sete cabeças». **Jornal de Notícias**. (28/03/1990).

TOMÉ, Luís Figueiredo – Sophia de Mello Breyner termina o livro de poesia «estilo manuelino». **Diário de Notícias**. (20/12/1987) pp. 6-7.

VASCONCELOS, Francisca de Brito Ribeiro de – *Universidade do Porto: contributos para um roteiro digital. Estágio curricular no CIC. Digital Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. Dissertação de Mestrado.

VASCONCELOS, José Carlos de – Sophia: a luz dos versos. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**. n.º 468 (1991) pp. 8-13.

Sites Consultados

A literary tour of Lisbon. Lisboa: Culture Trip (Disponível em: <https://theculturetrip.com/europe/portugal/articles/a-literary-tour-of-lisbon/>) [consultado a 04/09/2019].

Carta de Sophia de Mello Breyner para Eduardo Lourenço, Abril 1997. In Eduardo Lourenço. Lisboa: Centro Nacional de Cultura (Disponível em <http://www.eduardolourenco.com/textos/correspondencia/45-Sophia-Mello-Breyner-Andresen.html>) [consultado a 04/09/2019].

Museu Digital da Universidade do Porto. Porto: Vice-Reitoria para a Cultura/Weblevel (Disponível em: <https://museudigital.pt/>) [consultado a 04/09/2019].

Sophia de Mello Breyner Andresen no seu tempo. Momentos e Documentos [em linha] Lisboa: Biblioteca Nacional (Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/index.html>) [consultado a: 04/09/2019].

Tours of England. Nova Iorque: Jane Austen Society of North America (Disponível em: <http://www.jasna.org/conferences-events/tour/>) [consultado 04/09/2019].

Vídeos

MONTEIRO, João César - *Sophia de Mello Breyner Andresen*.1969. 8:01-8:10min. (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VDi1av1fgzo>) [consultado 04/09/2019].

O nome das coisas – Sophia de Mello Breyner. (Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-nome-das-coisas-sophia-de-mello-breyner-andresen/>) [consultado a 04/09/2019].

Poetic Places. Londres: British Library-Time/Image (Disponível em <http://www.poeticplaces.uk/>) [consultado a: 12/09/2019].

Anexos

Anexo 1 - Mindmap

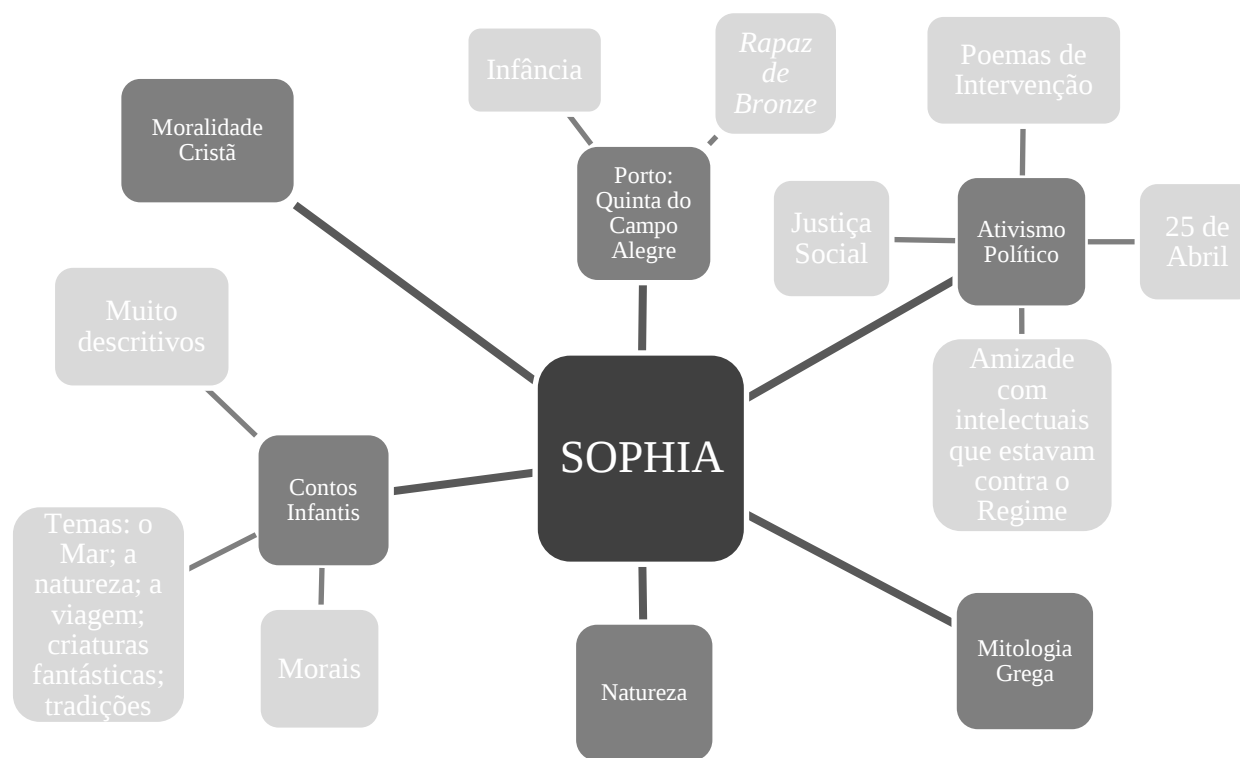


Figura 7 - Mindmap

Anexo 2 – Estrutura do roteiro

Tabela 2 – Estrutura do roteiro

APRESENTAÇÃO DO ROTEIRO	
NOME DO ROTEIRO: Mar de Sophia – “Metade da minha alma é feita de maresia” ⁶³	IMAGEM:  Figura 8 - Sophia pela lente de João Cutileiro.
FONTE DA IMAGEM: CUTILEIRO, João - Sophia em Lagos: Anos 60 [em linha]. Sophia de Mello Breyner Andresen no seu tempo. Momentos e Documentos [consultada a 04/09/2019] Disponível em: http://purl.pt/19841/1/galeria/arte-fotografia/joao-cutileiro/foto1.html .	
DESCRIÇÃO DO ROTEIRO: Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu no Porto em 1919, mas viveu grande parte da sua vida em Lisboa, onde morre em 2004. Considerada como uma das maiores escritoras portuguesas, foi a primeira mulher a receber o Prémio Camões. O Mar é transversal à vida e obra da poeta: a Praia da Granja subentende os primeiros anos da sua vida e adolescência; o Algarve a vida adulta e a passagem do Mar revolto do norte para o soalheiro sul. A Grécia, mais do que uma idade, representa o encontro com um ideal de beleza que percorre toda sua poesia, porque o gosto pela Grécia parte do seu gosto pelo Mar, levando-a a apaixonar-se pela cultura helénica muito antes de visitar a Grécia. Com este roteiro pretende-se que o utilizador percorra os espaços, fisicamente ou através da aplicação, de modo a estar em contacto com a obra da escritora pondo-a em paralelo com os lugares que a inspiraram. Contudo, não pretende condicionar a sua experiência, mas sim dar o mote para uma abordagem que será única, uma vez que depende de um conjunto incalculável de variáveis, fazendo com que cada um tenha uma experiência diferente. Mais do que querer mostrar a importância do Mar na vida de Sophia procura dar a conhecer o Mar de Sophia enquanto algo abstrato que era entendido como horizonte metafísico. Em diversos momentos Sophia de Mello Breyner dá a entender que se via como parte integrante desse espaço. O que se pretende é mostrar a relação que Sophia desenvolveu com os espaços a partir dos seus textos que dão a conhecer uma imagem que resulta da fusão entre a observação do espaço real e das crenças da poeta.	

⁶³ Segundo verso do poema *Atlântico*. *Obra poética...* p. 64.

POI NÚMERO 0	
TÍTULO: Prólogo	IMAGEM: Gravação de 30 segundos da rebentação do mar ao amanhecer.
LOCAL A GEORREFERENCIAR: Meio do Atlântico	
FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.	
TEXTO DE SOPHIA: INICIAL ⁶⁴ O mar azul e branco e as luzidias Pedras – O arfado espaço Onde o que está lavado se relava Para o rito do espanto e do começo Onde sou a mim mesma devolvida Em sal espuma e concha regressada À praia inicial da minha vida Dual,1972	
POI NÚMERO 1	
TÍTULO: Mar do Norte	IMAGEM: 
LOCAL A GEORREFERENCIAR: Cidade de Oevenum	
FONTE DA IMAGEM: Walter Rademacher. Vista aérea da ilha de Fohr. 2013. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/File:Aerial_photograph_400D_2013_09_29_9551.JPG [consultado a 04/09/2019]	
Figura 9 - Vista aérea da Ilha de Fohr.	

⁶⁴ *Obra poética...* p. 615.

TEXTO: Se Jann Hinrich Andresen não tivesse respondido ao apelo do Mar, a cultura portuguesa não teria conhecido Sophia de Mello Breyner. A relação da poeta com o Mar acontece mesmo antes desta nascer. Partindo de Oevenum, nas Ilhas Frísias, com vontade de navegar rumo a sul, Jann Hinrich desembarcou no Porto, onde enriqueceu com o comércio do vinho do Porto.

Para a poeta o Mar será também um elemento central da sua vida, e por consequência da sua obra. Mas, ao contrário do bisavô, para quem o Mar se transformou num local de eterna saudade, Sophia verá no Mar felicidade e plenitude, um lugar de renovação física e espiritual. Aprendendo no Mar o gosto pela forma bela, pela liberdade, pela poesia.

TEXTO DE SOPHIA:

A SAGA⁶⁵

- Avô – disse Joana – porque que estás sempre a olhar para o mar?
- Ah! – respondeu Hans. – Porque o mar é o caminho para a minha casa.
- (...)
- Quando eu morrer – pediu Hans – mandem construir um navio em cima da minha sepultura.
- Um navio? – murmurou o filho mais velho. – Um navio como?
- Naufragado – disse Hans. E até morrer não falou mais.

Histórias da Terra e do Mar, 1984

OBJETO	TÍTULO: Túmulo deJann Henrich, bisavô de Sophia de Mello Breyner	IMAGEM:  Figura 10 - Túmulo do bisavô no cemitério de Agramonte.
	FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.	
	TEXTO: Como é narrado em A Saga, após a morte de Jann Henrich, a sua vontade é cumprida, e ainda hoje podemos visitar o peculiar jazigo no cemitério de Agramonte, no Porto. No conto A Saga, Sophia evoca a memória deste antepassado através da personagem de Hans. A escultura foi produzida por António Teixeira Lopes, tendo como título "Alegorias do Comércio, Fortuna e Navegação".	
POI NÚMERO 2		
TÍTULO: Um Lugar Desmedidamente Grande		

⁶⁵ A Saga... p. 123-125.

LOCAL A GEORREFERENCIAR: Jardim Botânico do Porto	IMAGEM:
FONTE DA IMAGEM: Jardim Botânico [consultado a 04/09/2019] Disponível em: https://www.infoporto.pt/pt/jardim-botanico-do-porto/ .	 Figura 11 - Entrada da Quinta do Campo Alegre.
TEXTO: Hoje, ao percorrer os Jardins da antiga Casa Andresen, é-nos difícil imaginar o marulhar do Mar ao longe que Sophia descreve. Mas, quando o seu avô adquiriu a Quinta no final do século XIX, os seus terrenos chegavam ao Mar. Para Sophia, a Quinta do Campo Alegre surgirá sempre associada à sua infância, onde tudo era “desmedidamente” grande, e ao começo da vida. Este lugar leva-a a acreditar na imanência da poesia e na crença de que só teríamos de estar muito atentos para a conseguir ouvir. É aqui que escreve os primeiros textos, imortalizando o local como sendo uma amálgama de cheiros, cores e texturas.	
TEXTO DE SOPHIA: CARTA A RUBEN A. ⁶⁶ (...) - Poderei procurar o reencontro verso a verso E buscar – como oferta – a infância antiga A casa enorme vermelha e desmedida Com seus átrios de pasmo e ressonância O mundo dos adultos nos cercava E dos jardins subia a transbordância De rododendros dalias e camélias De frutos roseirais musgos e tílias As tílias eram como catedrais	

⁶⁶ *Obra poética...* pp. 704-705.

Percorridas por brisa vagabundas
As rosas eram vermelhas e profundas
E o mar quebrava ao longe entre os pinhais

Morangos e muguet e cerejeiras
Enormes ramos batendo nas janelas
Havia o vaguear tardes inteiras
E a mão roçando pelas folhas de heras
Havia o ar brilhante e perfumado
Saturado de apelos e de esperas

Desgarrada era a voz das primaveras

Buscarei como oferta a infância antiga
Que mesmo tão distante e tão perdida
Guarda em si a semente que renasce

O Nome das Coisas, 1977

EVENTO

TÍTULO: Nascimento de Sophia de Mello Breyner

FONTE DA IMAGEM: Sophia ao colo de Laura Guimarães, sua ama. Porto. Dezembro 1919
Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/1920/1920-3.html> [Consultado a: 04/09/2019]

TEXTO: Sophia de Mello Breyner nasce a 6 de novembro de 1919 no Porto, na Rua António Cardoso, perto da Quinto do Campo Alegre. Passou toda a infância e juventude no norte. Muda-se para a capital quando foi frequentar o curso de Filologia Clássica para a Universidade de Lisboa.

IMAGEM:



Figura 12 - Fotografia de Sophia em bebé.

OBJETO	TÍTULO: Jardim Botânico do Porto		IMAGEM: 
	FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.		
	TEXTO: O Jardim foi criado em 1951 pela Universidade do Porto e instalado na Quinta do Campo Alegre. Esta quinta tinha pertencido à Ordem de Cristo, sendo adquirida em 1802 por João Salabert passando a ser conhecida como Quinta Grande do Salabert. João da Silva Monteiro adquiriu-a em 1875 e iniciou a construção da casa e do jardim. Posteriormente, em 1895, foi comprada por João Henrique Andresen Júnior que continuou a construção da casa e do jardim. Esta permaneceu na posse da sua família até 1949, data em foi vendida ao Estado Português, passando depois para a Universidade.		
	GALERIA DE IMAGENS		
	 Figura 14 - Estufas do Jardim Botânico da UP.	 Figura 15 - Casa Salabert.	 Figura 16 - Arboreto do Jardim Botânico da UP.
FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.		FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.	FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.
POI NÚMERO 3			
TÍTULO: "A praia da Granja é a praia inicial da minha vida" ⁶⁷			

⁶⁷ PEREIRA, Miguel Serras – Sou uma mistura de norte e sul. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**. nº 135 (1985) pp. 2-3.

LOCAL A GEORREFERENCIAR: Praia da Granja	IMAGEM:  Figura 17 - Praia da Granja.
FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.	

TEXTO: “A Granja foi assassinada pela câmara de Gaia”⁶⁸, afirmou Sophia, durante uma entrevista no início da década de 90, referindo-se ao que chamava de “arquitetura dita moderna” e aos maus acessos à praia. Atualmente muito menos frequentada, a Praia da Granja foi um lugar privilegiado para a aristocracia portuguesa que aí se instalava para passar os verões e receber os benefícios do iodo. Tradição que levou Sophia ao encontro deste lugar. É aqui que tem o primeiro contacto com o Mar, chamando à Granja “paraíso terrestre da minha infância e adolescência”⁶⁹. Foi aqui que escreveu muitos poemas⁷⁰, e se inspirou para o conto A Menina do Mar, baseada numa história que a mãe lhe costumava contar. TEXTO DE SOPHIA: ERA UMA VEZ UMA PRAIA ATLÂNTICA⁷¹ Do Atlântico frio mesmo quando agitado saíamos quase sempre gelados e felizes, a bater os dentes, com a ponta dos dedos branca, os beiços roxos. (...) Havia em tudo isto um conforto rudimentar e fresco, um cheiro a sal, a ervas e a madeira e uma beleza feita de ainda não haver plástico e de o contraplacado, o cromado e outras invenções serem reservadas para usos diferentes. (...) Eu estava sentada à sombra do toldo ao lado da minha mãe. As ondas inchavam o seu dorso e desabavam sobre a praia. A areia molhada luzia. A vida era celestemente terrestre. Onde estávamos, cheirava a maresia e a jardim. O perfume da felicidade invadia o mundo. <i>Era uma vez uma praia Atlântica, 1997</i>

⁶⁸ Sophia: a luz dos versos...p.10.

⁶⁹ Sou uma mistura de norte e sul...p. 3.

⁷⁰ Sophia: a luz dos versos...p.10.

⁷¹ Era uma vez uma praia Atlântica... 10-18.

OBJETO	TÍTULO: Serigrafia de Maria Helena Vieira da Silva	IMAGEM: 	
	FONTE DA IMAGEM: Serigrafia de Maria Helena Vieira da Silva. Disponível em http://purl.pt/19841/1/1980/galeria/f8/foto1.html [consultado a: 04/09/2019]		
	TEXTO: A casa da Granja é a que é mencionada no conto “A menina do Mar”, “A Casa Branca” e no poema “Musa”. Lugar predileto dos primeiros verões de Sophia. Votada ao abandono é difícil de a localizar. Maria Helena Vieira da Silva, artista plástica, realizou um conjunto de serigrafias para uma edição francesa do livro <i>Mediterranéé</i> de Sophia, sua amiga. Foram baseadas numa descrição feita no conto A Casa Branca, texto inspirado pela Granja. ⁷² CASA BRANCA⁷³ Casa branca em frente ao mar enorme, Com o teu jardim de areia e flores marinhas E o teu silêncio intacto em que dorme O milagre das coisas que eram minhas. (...) Poesia, 1944		
	GALERIA DE IMAGENS		
			

Figura 18 - Serigrafia de M^a Helena Vieira da Siva.

⁷² *Sophia e a palavra...*p. 50.

⁷³ *Obra Poética...* p. 78.

	Figura 19 - Capa do livro <i>Mediterranée</i> .
	FONTE DA IMAGEM: Capa da edição <i>Mediterranée</i> . Disponível em http://purl.pt/19841/1/1980/galeria/f8/foto1.html [consultado a: 04/09/2019]
POI NÚMERO 4	
TÍTULO: "O Algarve era uma maravilha" ⁷⁴	IMAGEM: 
LOCAL A GEORREFERENCIAR: Algarve	
FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.	
TEXTO: É palpável a tristeza e revolta de Sophia em relação ao desenvolvimento do Algarve nos fins do século XX. “Agora constrói-se demais para o turista e de menos para as pessoas. É uma terra onde às vezes não pode viver quem lá vive. Está tudo desfigurado, tudo esventrado.” ⁷⁵ Visitando pela primeira vez em 1961, Sophia toma contacto com um Algarve ainda tradicional. As infraestruturas turísticas eram inexistentes e a jornada difícil. Desde o primeiro momento que a escritora se maravilhou com a pureza e simplicidade da região e seus habitantes. Ao descobrir o Algarve a sua relação com o Mar altera-se, passando de um Mar frio e tempestuoso para um de claridade e tranquilidade.	

⁷⁴ *Sophia: a luz dos versos...*p.10.

⁷⁵ *Sophia de Mello Breyner termina o livro de poesia...*p.7.

TEXTO DE SOPHIA:

ESTAÇÕES DO ANO⁷⁶

Primeiro vem Janeiro
Suas longínquas metas
São Julho e são Agosto
Luz de sal e de setas

A praia onde o vento
Desfralda as barracas
E vira os guarda-sóis
Ficou na infância antiga
Cuja memória passa
Pela rua à tarde
Como uma cantiga

O verão onde hoje moro
É mais duro e mais quente
Perdeu-se a frescura
Do verão adolescente

Aqui onde estou
Entre cal e sal
Sob o peso do sol
Nenhuma folha bole
Na manhã parada
E o mar é de metal
Como um peixe-espada

O Nome das Coisas, 1977.

⁷⁶ *Obra Poética...* p. 712.

POI NÚMERO 5		
TÍTULO: “Lagos onde reinventei o mundo num verão ido” ⁷⁷		IMAGEM: 
LOCAL A GEORREFERENCIAR: Lagos		
FONTE DA IMAGEM: Manuelvbotelho. Praça Infante Dom Henrique, Lagos. 2000. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pra%C3%A7a_Infante_Dom_Henrique_Lagos_img_9330.jpg [consultado a: 04/09/2019]		
TEXTO: Embora, com o passar dos anos, Lagos tenha sofrido alterações ainda é possível recriar os passos que Sophia indicou à sua empregada, imortalizados no poema Caminho da Manhã. Achando a cidade “meticulosamente limpa” e os seus habitantes “honestos”, Lagos torna-se o principal local onde Sophia permaneceu nas visitas ao Algarve. Inspiração de vários poemas, a escritora identifica-se e encontra conforto, reconhecendo Lagos como um local onde a “aliança com as coisas”⁷⁸ não se perdeu nem foi corrompida, numa continuidade entre o físico e metafísico, entre o natural e o humano.		
TEXTO DE SOPHIA: CAMINHO DA MANHÃ⁷⁹ (...) Até chegares às muralhas antigas da cidade que estão em ruínas. Passa debaixo da porta e vai pelas pequenas ruas estreitas, direitas e brancas, até encontrares em frente do mar uma grande praça quadrada e clara que tem no centro uma estátua. Segue entre as casas e o mar até ao mercado que fica depois de uma alta parede amarela. Aí deves parar e olhar um instante para o largo pois ali o visível se vê até ao fim ». E olha bem o branco, o puro branco, o branco da cal onde a luz cai a direito. Também ali entre a cidade e a água não encontrarás nenhuma sombra; abriga-te por isso no sopro corrido e fresco do mar. (...) <i>Livro Sexto, 1962.</i>		
POI NÚMERO 6		
TÍTULO: A Praia das Grutas		IMAGEM:

⁷⁷ Primeira verso da primeira estrofe do poema *Lagos II*. Publicado originalmente em *Nome das Coisas* (1977).

⁷⁸ ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – Arte Poética I in *Obra Poética*. Porto: Assírio e Alvim, 2015, p. 890.

⁷⁹ *Obra Poética*... pp. 443-444.

LOCAL A GEORREFERENCIAR: Praia Dona Ana	
FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.	
TEXTO: A Praia Don’Ana esteve na boca do mundo em 2013 quando foi considerada como uma das praias mais bonitas do mundo. Em 2015 voltou a estar no centro das atenções devido a uma polémica obra de aumento do areal. Por este e outros motivos, torna-se difícil imaginar a praia tão frequentada por Sophia de Mello Breyner. Guiada pelo barqueiro José Machucho, o contacto com as grutas próximas da praia tem um profundo impacto em Sophia. Vê nelas um santuário, um lugar de particular proximidade com o sagrado. Irá fazer da sua visita um ritual, declamando poesia no seu interior. O isolamento e o silêncio são agora difíceis de imaginar. Os remos deram lugar ao motor, o solitário barqueiro a dezenas de guias e turistas. Permanecem as rochas, o mar e os jogos de luz. TEXTO DE SOPHIA: AS GRUTAS⁸⁰ (...) E eis que entro na gruta mais interior e mais cavada. Sombrias e azuis são águas e paredes. Eu queria poisar com uma rosa sobre o mar o meu amor neste silêncio. Queria que o contivesse para sempre o círculo de espanto e de medusas. Aqui um líquido sol fosforescente e verde irrompe dos abismos e surge em suas portas. Mas já no mar exterior a luz rodeia a Balança. A linha das águas é lisa e limpa como um vidro. O azul recorta os promontórios aureolados de glória matinal. Tudo está vestido de solenidade e de nudez. Ali eu queria chorar de gratidão com a cara encostada contra as pedras.	
Livro Sexto, 1962. GALERIA DE IMAGENS	

⁸⁰ *Obra Poética...* pp. 445 – 446.

 Figura 23 - Gruta nas imediações da Praia Dona Ana.	 Figura 24 - Pormenor de uma gruta, Praia Dona Ana.	 Figura 25 - Sophia na Praia Don'Ana.
FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.	FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.	FONTE DA IMAGEM: Sophia na praia Dona Ana, com um pescador e o filho Xavier. Início dos anos 60. Disponível em: https://museudigital.pt/pt/aceso/ficha/g/roteiro/17 [Consultado a: 04/09/2019]
OBJETO	TÍTULO: Curta Sophia de Mello Breyner de João César Monteiro	IMAGEM: Curta Sophia de Mello Breyner de João César Monteiro [16:42min]
	FONTE DA IMAGEM: MONTEIRO, João César - Sophia de Mello Breyner Andresen.1969. 8:01-8:10min. (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=VDi1av1fgzo) [consultado 04/09/2019].	
	TEXTO: Filmado em 1968, este vídeo foi pensado como um documentário sobre a escritora. A produção foi atribulada acabando por ser feita em apenas 4 dias. Ainda assim é considerada como uma das obras emblemáticas de João César Monteiro. Embora curto, o vídeo acaba por refletir vários textos de Sophia e imortalizar as suas viagens às grutas.	
POI NÚMERO 7		

TÍTULO: Senhora da Rocha: “Imóvel muda atenta como uma antena”	IMAGEM: 
LOCAL A GEORREFERENCIAR: Ermida Senhora da Rocha	
FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.	

Figura 26 - Ermida da Nossa Senhora da Rocha.

TEXTO: Situada num extenso promontório, a Ermida de Nossa Senhora da Rocha parece situar-se sobre o Mar. Materializa o medo imemorial dos perigos de navegar, sendo plausível que a atual estrutura tenha vindo concretizar práticas anteriores. Remontando pelo menos ao período Visigótico, nela se encerra uma escultura de Nossa Senhora que Sophia relacionou com a estátua da Vitória de Samotrácia, conservada no Louvre. Embora ambas tivessem como objetivo a proteção dos mareantes, a poeta reflete acerca da religiosidade católica comparando-a a grega. A figura da Nossa Senhora surge assim pequena em comparação a imponente escultura grega, sem, no entanto, se tornar inferior na sua capacidade protetora.
TEXTO DE SOPHIA: SENHORA DA ROCHA⁸¹ Tu não estás como Victória à proa Nem abres no extremo do promontório as tuas asas Nem caminhas descalça nos teus pátios quadrados e caiados Nem desdobras o teu manto na escultura do vento Nem ofereces o teu ombro à seta da luz pura Mas no extremo do promontório Em tua pequena capela rouca de silêncio Imóvel muda inclinas sobre a prece O teu rosto feito de madeira e pintado como um barco O reino dos antigos deuses não resgatou a morte

⁸¹ *Obra Poética...* p. 501.

E buscamos um deus que vença connosco a nossa morte
É por isso que tu estás em prece até ao fim do mundo
Pois sabes que nós caminhamos nos cadafalsos do tempo

Tu sabes que para nós existe sempre
O instante em que se quebra a aliança do homem com as coisas
Os deuses de mármore afundam-se no mar
Homens e barcos pressentem o naufrágio

E por isso não caminhas cá para fora com o vento
No grande espaço liso da luz branca
Nem habitas no centro da exaltação marinha
O antigo círculo dos deuses deslumbrados

Mas rodeada pela cal dos pátios e dos muros
Assaltada pelo clamor do mar e a veemência do vento
Inclinas o teu rosto

Imóvel muda atenta como antena

Geografia, 1967.

POI NÚMERO 8

TÍTULO: Ingrina

LOCAL A GEORREFERENCIAR: Praia da Ingrina

FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.

IMAGEM:

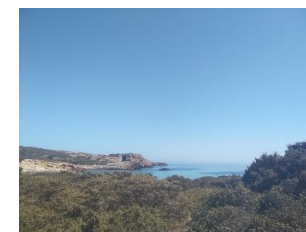


Figura 27 - Praia da Ingrina.

TEXTO: A pequena praia de Ingrina conserva, em virtude do seu isolamento, uma certa rusticidade e um ambiente intemporal. Contrariando a tendência da região, não existem grande empreendimentos nas redondezas nem mares de gente, tornando mais fácil imaginar a visão de Sophia. A autora encontrou nessa praia a epitome da sua relação com o lugar, imortalizando-a num poema com o seu nome. A sinestesia entre o calor do Sol, o som omnipresente das cigarras, o cheiro dos orégãos e o Mar confluem para um sentimento de plenitude e de comunhão com o espaço. Desta união emanava uma sensação de renovação e renascimento, ao qual a poeta deseja sempre regressar.

TEXTO DE SOPHIA:INGRINA⁸²

O grito da cigarra ergue a tarde a seu cimo e o perfume do orégão invade a felicidade. Perdi a minha memória da morte da lacuna da perca do desastre. A onnipotência do sol rege a minha vida enquanto me recomeço em cada coisa. Por isso trouxe comigo o lírio da pequena praia. Ali se erguia intacta a coluna do primeiro dia – e vi o mar refletido no seu próprio espelho. Ingrina.

É esse o tempo a que regresso no perfume dos orégãos, no grito da cigarra, na onnipotência do sol. Os meus passos escutam o chão enquanto a alegria do encontro me desaltera e sacia. O meu reino é meu como um vestido que me serve. E sobre a areia sobre a cal e sobre a pedra escrevo: nesta manhã eu recomeço o mundo.

Geografia, 1967.

POI NÚMERO 9**TÍTULO:** Grécia**LOCAL A GEORREFERENCIAR:** Grécia

FONTE DA IMAGEM: Sophia de Mello Breyner e Agustina Bessa-Luís. Grécia. 1963
Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/1960/1960-1.html> [consultado a 04/09/2019]

IMAGEM:

Figura 28 - Sophia na Grécia com Agustina Bessa-Luís.

TEXTO: A semelhança de muitos países da costa do Mediterrâneo, a Grécia viveu nas últimas décadas um aumento exponencial do turismo, com os benefícios e prejuízos inerentes. Nas palavras de Sophia “Eu tenho ido muitas vezes à Grécia. O que muda é o aumento do turismo. Na Grécia como em toda a parte o turismo está a estragar muito as coisas.”⁸³

A relação de Sophia com a cultura grega remonta à sua infância. No ano em que Sophia aprendeu a ler, estando numas termas com a família sem livros, comprou um com o título “Mitologia Grega”. Fica completamente fascinada pelas fotografias das estátuas, que lhe lembram “qualquer coisa da claridade, da respiração do

⁸² *Obra Poética...* p. 497.

⁸³ SIGALHO, Lúcia – As Luzes de Sophia. **World Life**. (1989). Pp. 98-103.

Mar e do ritual das ondas”⁸⁴. Era o início de uma paixão pela cultura helénica que acompanhará Sophia o resto da sua vida. Esta seria aprofundada aos 12 anos através da leitura de Homero.

Esta paixão seria concretizada já na idade adulta, numa viagem que realizou com Agustina Bessa-Luís e seu marido. A imaginação de Sophia fica aquém da realidade, que deixa a escritora extasiada, confessando a Jorge de Sena: “Mas sinto que só sei falar mal disto tudo. (...) Na Grécia tudo é construído como religião do homem à natureza. (...) Mas os tempos Gregos só são compreensíveis situados no mundo que os rodeia. A ligação entre a arquitetura e o ar, a luz, o mar, os promontórios, os espaços é total. (...) De certa maneira encontrei na Grécia a minha própria poesia”⁸⁵.

TEXTO DE SOPHIA:

RESSURGIREMOS⁸⁶

Ressurgiremos ainda sob muros de Cnossos

E em Delphos centro do mundo

Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta

Ressurgiremos ali onde as palavras

São o nome das coisas

E onde são claros e vivos os contornos

Na aguda luz de Creta

Ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo

São o reino do homem

Ressurgiremos para olhar para a terra de frente

Na luz limpa de Creta

Pois convém tornar claro o coração do homem

E erguer a negra exactidão da cruz

Na luz branca de Creta

Livro Sexto, 1962.

GALERIA DE IMAGENS

⁸⁴ *Os Poemas de Sophia...*p. 54.

⁸⁵ *Correspondência de Sophia de Mello Breyner...*p. 66-67.

⁸⁶ *Obra Poética...*p. 447.



Figura 29 - Sophia com as filhas Maria e Sofia na Grécia.



Figura 30 - Sophia com Graça Morais na Grécia.

FONTE DA IMAGEM: Sophia com as filhas Maria e Sofia na Grécia, 1972. Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/1970/galeria/f14/foto1.html> [consultado a 04/09/2019]

FONTE DA IMAGEM: Sophia na Grécia com a pintora Graça Morais. 14 dezembro 1988. Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/1980/galeria/f2/foto1.html> [consultado a 04/09/2019]

OBJETO

TÍTULO: Página do Diário de Viagem de Sophia

FONTE DA IMAGEM: Página do diário de viagem. Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/1960/galeria/f27/foto1.html> [consultado a 04/09/2019]

TEXTO: Na sua primeira viagem à Grécia, Sophia de Mello Breyner parte da Granja, seguindo de carro. Atravessa Itália de Norte a Sul passando depois, o estreito de Otranto, em Brindisi. Como ponto de referência da descrição da paisagem, Sophia irá referir o Algarve, que considera ser a “Grécia Portuguesa”.

IMAGEM:

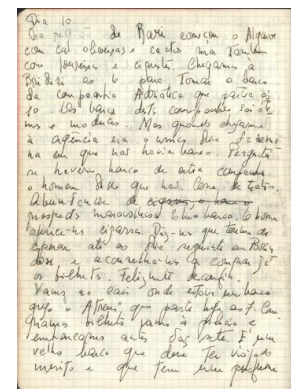


Figura 31 - Página do Diário de Viagem de Sophia.

POI NÚMERO 10	
TÍTULO: Delfos: O centro do Mundo	IMAGEM: 
LOCAL A GEORREFERENCIAR: Delfos	
FONTE DA IMAGEM: Skyring. Ruínas Templo de Delfos. 2017 Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Delphi_Temple_of_Apollo.jpg [consultado a 04/09/2019]	
Figura 32 - Ruínas Templo de Delfos.	
TEXTO: Ao chegar a Delfos, Sophia deparou-se com: “(...) o lugar mais espantoso que vi na minha vida, um lugar deslumbrante e solene entre montanhas altíssimas, com fontes geladas em frente dum vale coberto de arvoredos e bosques e com um pedaço de mar a brilhar entre as encostas”⁸⁷. A localização mantém-se, mas as condições de visita são mais restritivas, adaptadas ao paradigma turístico contemporâneo. Alguns dos locais visitados por Sophia estão hoje vedados, resultando numa experiência distinta. Sophia reconhece em Delfos o centro do mundo grego, nele se compondo os vários elementos da paisagem: as montanhas, a luz do sol e o Mar como pano de fundo, elemento agregador e dominante do lugar. A ele se liga a vitalidade do espaço.	
TEXTO DE SOPHIA: Desde a orla do mar Onde tudo começou intacto no primeiro dia de mim Desde a orla do mar Onde vi na areia as pegadas triangulares das gaivotas Enquanto o céu cego de luz bebia o ângulo do seu voo Onde amei com êxtase a cor o peso e a forma necessária das conchas Onde vi desabar ininterruptamente a arquitectura das ondas E nadei de olhos abertos na transparência das águas Para reconhecer a anêmona a rocha o búzio a medusa Para fundar no sal e na pedra o eixo recto Da construção possível Desde a sombra do bosque	

⁸⁷ Correspondência de Sophia de Mello Breyner...p. 66-67.

Onde se ergueu o espanto e o não-nome da primeira noite
E onde aceitei em meu ser o eco e a dança da consciência múltipla.

Desde a sombra do bosque desde a orla do mar

Caminhei para Delphos
Porque acreditei que o mundo era sagrado
E tinha um centro
Que duas águias definem no bronze de um voo imóvel e pesado

Porém quando cheguei o palácio jazia disperso e destruído
As águias tinham-se ocultado no lugar da sombra mais antiga
A língua torceu-se na boca da Sibila
A água que eu primeiro escutei já não se ouvia

Só Antinoos mostrou o seu corpo assombrado
Seu nocturno meio-dia⁸⁸

Dual, 1972.

POI NÚMERO 11

TÍTULO: Creta: O Labirinto do Minotauro

LOCAL A GEORREFERENCIAR: Creta

FONTE DA IMAGEM: Marc Ryckaert. Baia de Vai, Creta. 2010. Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vai_R05.jpg [consultado a: 04/09/2019]

IMAGEM:



Figura 33 - Baia de Vai, Creta.

TEXTO: Ao visitar Creta nos anos 70 Sophia toma contacto com as ruínas do passado minoico da ilha. No entanto, para a poeta a essência do local residia não nos palácios destruídos, mas sim no Mar, intemporal. Como no resto da sua obra, encontra no Mar uma energia primordial, que dita a vida dos homens que com ele se relacionam. Consequentemente, este elemento é central na sua interpretação e assimilação do espaço, visto que dele tudo parte e nele tudo acaba.

⁸⁸ *Obra Poética...* p. 592.

Naturalmente a realidade de Creta sofreu alterações com o passar dos anos. Contudo, ainda é possível capturar alguma da essência descrita por Sophia, uma vez que esta parte de elementos transcendentais, como o Mar.

TEXTO DE SOPHIA:

O MINOTAURO⁸⁹

Em Creta

Onde o Minotauro reina

Banhei-me no mar

Há uma rápida dança que se dança em frente de um toiro

Na antiquíssima juventude do dia

Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu

Só bebi resina tendo derramado na terra a parte que pertence aos deuses

De Creta

Enfeitei-me de flores e mastiguei o amargo vivo das ervas

Para inteiramente acordada comungar a terra

De Creta

Beije o chão como Ulisses

Caminhei na luz nua

Devastada era eu própria com a cidade em ruína

Que ninguém reconstruiu

Mas no sol dos meus pátios vazios

A fúria reina intacta

E penetra comigo no interior do mar

Porque pertenço à raça daqueles que mergulham de olhos abertos

E reconhecem o abismo pedra a pedra anêmona a anêmona flor a flor

E o mar de Creta por dentro é todo azul

Oferenda incrível de primordial alegria

Onde o sombrio Minotauro navega

⁸⁹ *Obra Poética...* pp. 628-629.

Pinturas ondas colunas planícies
Em Creta

Inteiramente acordada atravesssei o dia
E caminhei no interior dos palácios veementes e vermelhos
Palácios sucessivos e roucos
Onde se ergue o respirar de sussurrada treva
E nos fitam pupilas semi-azuis de penumbra de terror
Imanentes ao dia –
Caminhei no palácio dual de combate e conforto
Onde o príncipe dos Lírios ergue os seus gestos matinais

Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu
O Dionysos que dança comigo na vaga não se vende em nenhum mercado negro

Mas cresce como flor daqueles cujo ser
Sem cessar se busca e se perde de desune e se reúne
E esta é a dança do ser

Em Creta
Os muros de tijolo da cidade minóica
São feitos de barro amassado com algas
E quando me virei para trás da minha sombra
Vi que era azul o sol que tocava no meu ombro

Em Creta onde o Minotauro reina atravesssei a vaga
De olhos abertos inteiramente acordada
Sem drogas e sem filtro
Só vinho bebido em frente da solenidade das coisas – Porque pertenço à raça daqueles que percorrem o labirinto
Sem jamais perderem o fio de linho da palavra

Dual, 1972.

POI NÚMERO 12

TÍTULO: Travessa das Mónicas

LOCAL A GEORREFERENCIAR: Travessa das Mónicas	IMAGEM:
FONTE DA IMAGEM: Eduardo Gageiro. Sophia na Casa da Travessa das Mónicas. 1964 Disponível em: http://purl.pt/19841/1/galeria/arte-fotografia/Eduardo-Gageiro/intro.html [Consultado a 04/09/2019]	 Figura 31 - Sophia pela lente de Eduardo Gageiro.
TEXTO: “Quando era nova e vim para Lisboa sentia-me longíssimo da praia porque no Porto vivi mais perto do Mar. Não gostava de Lisboa tinha uma grande nostalgia do Norte. Depois disso passou e gosto de Lisboa, embora a cidade esteja difícil e suja.”⁹⁰. Depois de casar, Sophia acaba por se fixar em Lisboa, na Travessa das Mónicas, próxima do Convento da Graça. A casa será um ponto de encontro para intelectuais e amigos. Torna-se ainda um refúgio para a poeta, sobretudo o seu jardim, com vista para o rio Tejo. Embora o estuário do rio domine o horizonte de Lisboa, este não é o Mar, ainda distante. O jardim seria assim, uma tentativa de colmatar a falta de maresia e do som das ondas, procurando focar sobre a luz refletida sobre a água.	
TEXTO DE SOPHIA: LISBOA⁹¹ Digo: “Lisboa” Quando atravesso – vinda do sul – o rio E a cidade a que chego abre-se como se do nome nascesse Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna Em seu longo luzir azul de rio Em seu corpo amontoado de colinas – Vejo-a melhor porque a digo Tudo se mostra melhor porque digo Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência Porque o digo Lisboa com seu nome de ser e de não-ser Com seus meandros de espanto insónia e lata E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro	

⁹⁰ *Sophia: a luz dos versos...* p.10.

⁹¹ *Obra Poética...* p. 719.

Seu conivente sorrir de intriga e máscara
 Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata
 Lisboa oscilando como uma grande barca
 Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência
 Digo o nome da cidade
 -Digo para ver

Navegações, 1983.

GALERIA DE IMAGENS



Figura 34 - Sophia pela lente de Fernando Lemos.



Figura 35 - Sophia e Francisco no Tejo.

FONTE DA IMAGEM: Fernando Lemos. Sophia de Mello Breyner no jardim da casa da Travessa das Mónicas 1949-52. Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/galeria/arte-fotografia/Fernando-Lemos/intro.html> [consultado a: 04/09/2019]

FONTE DA IMAGEM: Sophia e Francisco durante um passeio no rio Tejo ao largo de Lisboa, anos 50. Disponível em: <http://purl.pt/19841/1/1950/1950.html> [consultado a: 04/09/2019]

EVENTO

TÍTULO: Morte de Sophia de Mello Breyner

FONTE DA IMAGEM: Sophia. Anos 90. Disponível em <http://purl.pt/19841/1/1990/galeria/f9/foto1.html> [consultado a 04/09/2019]

TEXTO: Sophia de Mello Breyner morre em Lisboa a 2 de julho de 2004, com 84 anos. Em 2014 os seus restos mortais foram trasladados para o Panteão Nacional.

IMAGEM:



Figura 36 - Fotografia de Sophia nos anos

		90.
OBJETO	TÍTULO: Quadro de Nikias Skapinakis “Vista de Lisboa” [da varanda da travessa das mónicas] 1981	IMAGEM:  Figura 37 - Quadro de Nikias Skapinakis, <i>Vista de Lisboa</i> , 1981.
	FONTE DA IMAGEM: Quadro de Nikias Skapinakis “Vista de Lisboa” [da varanda da travessa das mónicas] 1981. Disponível em http://purl.pt/19841/1/galeria/arte-fotografia/colecao-arte/f2/foto1.html [consultado a 04/09/2019]	
	TEXTO: Pintado em 1981 por Nikias Skapinakis, pintor e amigo de Sophia, o quadro “Vista de Lisboa” dá-nos a perspetiva da cidade a partir da varanda da poeta. Destaca-se o Rio Tejo e a claridade do sol sobre a água.	
POI NÚMERO 13		
TÍTULO: Epilogo		IMAGEM: Gravação de 30 segundos da rebentação do mar ao entardecer.
LOCAL A GEORREFERENCIAR: Meio do Atlântico		
FONTE DA IMAGEM: Vanessa Reis, 2019.		
TEXTO DE SOPHIA: O POEMA ⁹² O poema me levará no tempo Quando eu não for a habitação do tempo		

⁹² *Obra Poética...* p. 457.

E passarei sozinha
Entre as mãos de quem lê

O poema alguém o dirá
Às searas

Sua passagem se confundirá
Com o rumor do mar com o passar do vento

O poema habitará
O espaço mais concreto e mais atento

No ar claro nas tardes transparentes
Suas sílabas redondas

(Ó antigas ó longas
Eternas tardes lisas)

Mesmo que eu morra o poema encontrará
Uma praia onde quebrar as suas ondas

E entre quatro paredes densas
De funda e devorada solidão
Alguém seu próprio se confundirá
Com o poema no tempo

Livro Sexto, 1962.

Anexo 3 – Email de Pedro Gil Monteiro dando autorização para a utilização da curta – Sophia de Mello Breyner Andresen

De: João Gil <jpmgilazio@gmail.com>

Enviado: 7 de maio de 2019 16:40

Para: Vanessa Azevedo Reis

Assunto: Re: Pedido de utilização do filme sobre Sophia de Mello Breyner de João César Monteiro para fins académicos.

Olá, considere autorizada a utilização dos material imagético. Nem eu sei bem se os direitos de autor me pertencem totalmente ou se estão distribuídos pela leopardo filmes, de qualquer modo, e visto que eles encaminharam a autorização para mim, parece me bastante honroso para o meu pai que a obra dele continue a ser apreciada e considerada útil ainda depois da sua morte. Obrigado e boa ventura, depois se me puder informar de qual é a aplicação para eu poder cuscar o resultado.

Figura 38 - Email de Pedro Gil Monteiro dando autorização para a utilização da curta – Sophia de Mello Breyner Andresen.